



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

FERNANDA DA COSTA DE SOUSA SANTOS

NAS TRAMAS DA CIDADE:

Representações e sociabilidades em Santa Cruz do Piauí no período da *Semana Santa*
(2008-2018)

PICOS-PI

2019

FERNANDA DA COSTA DE SOUSA SANTOS

NAS TRAMAS DA CIDADE:

Representações e sociabilidades em Santa Cruz do Piauí no período da *Semana Santa*
(2008-2018)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientação: Professor Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

PICOS-PI

2019

1. FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S237n Santos, Fernanda da Costa de Sousa.

Nas tramas da cidade: representações e sociabilidades em Santa Cruz do Piauí no período da Semana Santa (2008-2018). / Fernanda da Costa de Sousa Santos. -- Picos, PI, 2019. 84 f.

CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História)

Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

Orientador (A): Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

1. Representações Urbanas - História
2. Sociabilidades.
3. Semana Santa - Santa Cruz do Piauí. I. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezenove (19) dias do mês de junho de 2019, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **FERNANDA DA COSTA DE SOUSA SANTOS** sob o título **NAS TRAMAS DA CIDADE: sociabilidades e representações urbanas no período da Semana Santa na cidade de Santa Cruz-PI (2008-2018)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinadora 1: Prof^a. Dr^a. Olívia Candeia Lima Rocha
Examinador 2: Prof. Esp. Jônatas Lincoln Rocha Franco

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 19 de junho de 2019.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador (a) 1: Olívia Candeia Lima Rocha
Examinador (a) 2: Jônatas Lincoln Rocha Franco

FERNANDA DA COSTA DE SOUSA SANTOS

NAS TRAMAS DA CIDADE:

representações e sociabilidades em Santa Cruz do Piauí no período da *Semana Santa*
(2008-2018)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

Aprovado em / / 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima, dos Santos – Orientador
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof^a. Dr^a. Olívia Candeia Lima Rocha
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinadora Interna

Prof. Esp. Jônatas Lincoln Rocha Franco
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinador Externo

PICOS-PI

2019

Ao meu *Dear God* (Querido Deus), autor de toda honra e toda glória na minha vida, bem como na realização desse trabalho.

Aos meus amáveis pais, por todo apoio, amor, compreensão e confiança, pois sei que sem a confiança deles eu nada alcançaria.

À minha irmã que mesmo pequena, ao sorrir me enche de esperanças todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da nossa vida, bem como da jornada acadêmica, nos deparamos com muitas circunstâncias, descobertas, obstáculos, devaneios, alegrias, tristezas, pessoas, que na nossa passagem acadêmica nos chamaram mais atenção e nos tocaram profundamente. E é nesses sentidos sensíveis, de sentimentos e relações, que ladeiam nossos agradecimentos nesse momento.

Primeiramente ao Pai nosso todo poderoso, que rege o mundo que conhecemos e o que não conhecemos. Que nos fez, pois sem ele nada existiria, e que nos dá força para viver mesmo com as angústias de ainda, tanto desconhecido e incerto. Durante esse caminho, passei por várias fases, ora boas, ora ruins. Nosso olhar sempre se voltou para a vida como uma constante metamorfose, e esse olhar só foi reforçado, de modo que, Deus sempre está presente. Sem Ele na minha vida nada seria possível, existir não seria possível, e chegar até onde cheguei foi parte do que reservou para mim, tenho certeza. Pois houve momentos que o imaginável pendurou sobre o real e pude sentir mais ainda as suas mãos sobre mim, mantendo-me de pé.

Em seguida, a MINHA FAMÍLIA, a razão de toda a minha luta. À minha mãe, quem me fez enxergar que o maior exemplo de mulher eu tenho em casa. Ela é minha inspiração, embora eu saiba que jamais serei metade do que ela é. Obrigada, mãe, por sempre acreditar em mim, por trabalhar nas casas de família para ajudar sustentar a nossa casa. Por acordar cedo todos os dias para me dar condições para estudar, por sempre me dizer: Só vou parar de trabalhar, quando você minha filha conseguir o que almeja, até lá, eu sigo lutando por ti e contigo. Às vezes ela chega em casa estressada, com dores de cabeça, compreensível depois de um dia exaustivo. Mas, que mesmo com os olhos tão cansados, sempre mantém aquele brilho que transcende qualquer expressão de cansaço, o olhar de fé, ao acreditar que todo seu esforço por mim valeria a pena. Mãe, obrigada por toda a confiança, essa conquista É NOSSA!

Ao meu pai, o mais carinhoso do mundo, que sempre me apoiou/apoia, me abraçou/abraça e me sustentou/sustenta quando mais precisei. Que sempre me mima(va), cheira(va) e beija(va) todos os dias quando eu saía e quando chegava durante esses 4 anos e meio. Lembro-me de um dia que estava na construção desse trabalho e ele olhou para mim e me disse: você consegue, e com graça disse “você é fera, está demais”. Emocionada e risonha, eu afirmei: “pai, o senhor não leu”. Então ele completou: “não preciso, só acredito em você”. Se há algo que não deixaram faltar foi amor, cuidado e apoio. Meus pais me ensinaram as coisas

mais importantes da vida: caráter, manter sempre nossa essência e nunca desistir dos nossos sonhos. É privilégio meu sempre acreditaram em mim quando eu mesma não acreditava.

Agradeço a minha irmã, pela sua sensibilidade e carinho comigo, por sempre me receber com um lindo sorriso e um abraço sempre que chego em casa, após um dia exaustivo de aula. Por através de singelos abraços, reforçar a minha força que inicialmente vem de Deus, e segundo das pessoas maravilhosas que colocastes na minha vida, como FAMÍLIA. Agradeço por ela ser um anjo para mim, que sempre me faz acreditar que o mundo ainda é bom, assim como as pessoas. Afinal, as crianças são a nossa esperança.

Ao meu orientador professor Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos por sempre estar apto a me orientar e ter participação direta no desenvolvimento deste trabalho, me dando nortes nas orientações que ocorriam com o fundo musical que ecoava suavemente pela sala, permitindo que a inspiração surgisse para a construção dessa pesquisa. Assim, como a professora Dr. Olívia Candeia Lima Rocha Olívia e o professor Esp. Jônatas Lincoln Rocha Franco, pelas enriquecedoras contribuições e incentivos, que reforçaram a minha crença de que essa etapa é apenas o começo.

Agradeço aos meus queridos depoentes, que me proporcionaram parte do seu tempo, mesmo em meio a rotina corrida para o desenvolvimento das entrevistas e pela confiança em compartilharem comigo sobre as suas lembranças, vivências e pensamentos. Em especial Ayla, que se prontificou a me ajudar na procura pelas fontes, e que além de depoente, também uma amiga.

Agradeço a minha turma de amigas da minha cidade, que intitulamos como nome do nosso grupo *Eu Rebelde*. Para aquelas que de maneira direta ou indiretamente, me apoiaram, me incentivaram e acreditaram em mim, sintam-se agradecidas. Agradeço ainda a minha turminha das calçadas, de altas madrugadas, que sempre deixa minhas noites mais tranquilas e divertidas, quando a ansiedade pela conclusão desse trabalho insistia em atormentar.

Às minhas amigas de turma Jaqueline e Lucicleide, por tornarem meus dias na UFPI mais felizes, e quando o desânimo e o cansaço insistiam em bater, compartilhavam comigo das alegrias e dores ao longo desses anos.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente me apoiaram e sobretudo, acreditaram na realização deste trabalho. A todos: MEU MUITO OBRIGADA!

Cidades sonhadas, desejadas, temidas, odiadas; cidades inalcançáveis ou terrivelmente reais, mas que possuem sua força do imaginário de qualificar o mundo. [...]. Afinal o que chamamos de mundo real é aquele trazido por nossos sentidos, os quais nos permitem compreender a realidade e enxergá-la dessa ou daquela forma (PESAVENTO, 2007, p.1)

RESUMO

O trabalho analisa as sociabilidades e representações urbanas ocorridas no período da *Semana Santa* na cidade de Santa Cruz do Piauí, no período de 2008 a 2018. Foca os estudos nas interações entre as atividades religiosas, econômicas e festivas, que se configuraram no mesmo espaço urbano. O estudo faz uso de fontes orais, dados do IBGE (2010), poesias e imagens. A análise das fontes e as reflexões teóricas seguiram o aporte teórico de Sandra Pesavento (2007), Raquel Rolnik (1995), Michel de Certeau (2008), Michael Pollak (1992), Ana Fani Alessandri Carlos (2007), dentre outros. A pesquisa apontou as diferentes práticas de sociabilidades realizadas na urbe que se configurou como palco de tradição e costumes, bem como um espaço de demarcação de poder instituídos pelos discursos religiosos. E, conseqüentemente, como a resistência de grupos que não se adentraram nessas normatizações vem atrelada com a ocupação do espaço urbano.

Palavras-chave: Santa Cruz do Piauí. Semana Santa. Sociabilidades. Representações urbanas.

ABSTRACT

The paper analyzes the sociability and urban representations that occurred during the Holy Week period in Santa Cruz do Piauí, from 2008 to 2018. The work uses sources, IBGE data (2010), poetry and images. The analysis of the sources and the theoretical reflections on the theorist of Sandra Pesavento (2007), Raquel Rolnik (1995), Michel de Certeau (2008), Michael Pollak (1992), Ana Fani Alessandri Carlos (2007), among others. The research discovered how different practices of sociability in the city shaped as a stage of tradition and customs, but also as a space of demarcation of power by religious discourses. Consequently, as a resistance of groups that are not in these norms, it is tied with the occupation of the urban space.

Key-Words: Santa Cruz do Piauí. Holy Week. Sociability. Urban representations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 01: Localização da cidade de Santa Cruz do Piauí no mapa do Piauí.....	15
IMAGEM 02: Ampliações da Igreja de Senhora Sant'Ana (1943-2000)	23
IMAGEM 03: Morro da Cruz em Santa Cruz do Piauí (2015)	26
IMAGEM 04: Missa e procissão de ramos em Santa Cruz do Piauí (2016)	41
IMAGEM 05: Quadro da feira em Santa Cruz do Piauí (2012)	46
IMAGEM 06: Encenação da Paixão de Cristo 1º cena, em Santa Cruz do Piauí na Rua Né Aristarco (2014)	50
IMAGEM 07: Encenação da Paixão de Cristo 2º cena, em Santa Cruz do Piauí na Rua Né Aristarco (2014)	51
IMAGEM 08: Encenação da Paixão de Cristo 3º cena, em Santa Cruz do Piauí na Rua Né Aristarco (2014)	52
IMAGEM 09: Encenação da Paixão de Cristo 4º cena, em Santa Cruz do Piauí na Rua Né Aristarco (2014)	52
IMAGEM 10: Encenação da Paixão de Cristo 5º cena, em Santa Cruz do Piauí na Rua Né Aristarco (2014)	53
IMAGEM 11: Rua Rui Barbosa na cidade de Santa Cruz do Piauí (2018)	60
IMAGEM 12: Rua José de Fama na cidade de Santa Cruz do Piauí (2018)	62
IMAGEM 13: Rua Né Aristarco na cidade de Santa Cruz do Piauí (2018)	63
IMAGEM 14: Praça Senhora Sant'Ana 1º parte, na cidade de Santa Cruz do Piauí, entre a Rua Barbosa e a Cônego Cardoso (2018)	65
IMAGEM 15: Praça Senhora Sant'Ana 2º parte, na cidade de Santa Cruz do Piauí, entre a Rua Barbosa e a Cônego Cardoso (2018)	66
IMAGEM 16: Praça Senhora Sant'Ana 3º parte, na cidade de Santa Cruz do Piauí, entre a Rua Barbosa e a Cônego Cardoso (2018)	68

IMAGEM 17: Praça Clementino Martins na cidade de Santa Cruz do Piauí, a partir da rua Né Aristarco (2018)	70
IMAGEM 18: Bar rodoviário na cidade de Santa Cruz do Piauí (2019)	74
IMAGEM 19: Bares no mercado público na cidade de Santa Cruz do Piauí (2019)	75
IMAGEM 20: Bar do Vandim na cidade de Santa Cruz do Piauí (2019)	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro Geográfico e Estatística

PIB – Produto Interno Bruto

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

PI – Piauí

PJ – Pastoral da Juventude

CDU – Canto da Umburana

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: OS CAMINHOS DA CIDADE, REVISITANDO ESPAÇOS, CULTURAS E SENSIBILIDADES	14
2 SEMANA SANTA: TRADIÇÃO, MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES NO CONTEXTO URBANO	21
2.1 A cidade	22
2.2 Entre a Fé e o Prazer: a <i>Semana Santa</i> e suas ressignificações	28
2.3 “Mãos à obra” o desenvolvimento das celebrações católicas	38
2.4 A arte pede passagem, a rua como palco teatral	42
2.5 Práticas alimentares e a passagem do tempo	48
3 O PROFANO ROUBA A CENA: COTIDIANO, VIVÊNCIAS E SOCIABILIDADES.	55
3.1 O espetáculo da vida: ruas, costumes e subjetividades.....	55
3.2 As praças: como <i>locus</i> de sociabilidades	65
3.3 Os bares: lugares que contam e revivem histórias	72
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	81

1 INTRODUÇÃO: OS CAMINHOS DA CIDADE, REVISITANDO ESPAÇOS, CULTURAS E SENSIBILIDADES

O presente trabalho corresponde à pesquisa acerca do período da *Semana Santa*, na cidade de Santa Cruz do Piauí, revisitando suas práticas de sociabilidades e representações, bem como descortinar as relações contíguas e antagônicas sobre esse universo. Vislumbrando as sensibilidades e as possibilidades de perceber o outro e a si mesmo nas interpretações imersas que ladeiam a *Semana Santa*, tecidas no decorrer de um determinado tempo e espaço. Para tanto, perceber a cidade através da sua materialidade, subjetividades, signos, percepções sensoriais, atinando sobre os espaços de vivências, convivências, passagem, diversão, encontros perpetuação de discursos, que configuram como tramas sociais urbanas, alinhadas a esse período que modifica as práticas da urbe e o cotidiano dos cidadãos.

A maneira de sentir e perceber o mundo partiu como ponto principal para o interesse em analisar a problemática que resultou na pesquisa intitulada: NAS TRAMAS DA CIDADE: representações e sociabilidades em Santa Cruz do Piauí no período da *Semana Santa* (2008-2018), com intuito de elucidar nossos próprios anseios sob o cosmo em que nos encontramos, afinal, a escolhida cidade se trata da nossa terra. A proposta também dessa investigação se justifica por ainda não possuir pesquisas que abordem sobre a sua configuração como cenário de sensibilidades da referida cidade. A história desse trabalho se constitui na tentativa de enxergar e compreender como a *Semana Santa* retrata uma conjuntura com diferentes representatividades e práticas sociais nos/dos cidadãos.

A pesquisa teve como suporte inicial as obras de autoras locais que exteriorizam a história dessa terra, a exemplo dos livros “De Estreito a Santa Cruz do Piauí”, “Os 1970 anos da Igreja nossa senhora Sant’Ana” da autora Ana Joana de Sousa (2014), e “Poemas & Poesias concretas, um sonho em forma de verso” de Dionésia Barros (2011). O primeiro e o segundo livro partem com as mesmas perspectivas: relacionar a origem e o desenvolvimento da cidade ao âmbito religioso. O terceiro narra nos seus versos a cidade, contextualizando a estrutura da urbe em poemas e poesias. Desse modo, os estudos percebidos nessas obras enriquecem o conhecimento nesse enredo. Todavia, a presente análise transcende essa trama, ao perceber o universo urbano como cidade sensível, que constrói e ressignificam as representações e sociabilidades. A cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e tempo que se realizam na e por causa da cidade (PESAVENTO, 2007).



Figura 01: Localização da cidade de Santa Cruz do Piauí
Mapa do Piauí.
Fonte: IBGE, 2010.

A imagem acima (figura 1) retrata Santa Cruz do Piauí, sua localização no estado piauiense. O recorte espacial dessa pesquisa, é uma cidade interiorana que fica instalada a aproximadamente 364 km da capital do estado, Teresina. Sua visão geográfica é marcada por um morro, situado à beira do rio Itaim.

Santa Cruz do Piauí, abarca uma população de 6.027 pessoas, segundo os últimos dados de 2010 obtidos pelo IBGE. Nesse caso, mais de seis mil santa-cruzenses, com densidade demográfica 9.85 hab/km². Município desenvolvidor de atividades trabalhistas, econômicas e religiosas, com percentual mensal per capita de meio salário mínimo por pessoas com rendimento nominal, com PIB per capto de 6.729,04 reais comparado aos outros municípios do Piauí. Para além da economia, as relações sociais se configuram no espaço educacional, sistema de saúde e religioso-cultural.

Na urbe encontra-se a religião católica, protestante e espírita, com predominância de residentes católicos com percentual de 5.548 pessoas, seguindo 377 protestantes e 15 espíritas, segundo a pesquisa obtida pelo IBGE no ano de 2010. A cidade é palco de culturas com festejos dos santos, festa do vaqueiro, comemorações folclóricas e festiva nomeada de

Santa Cruz Folia¹ e tradições religiosas, como especificamente a *Semana Santa*, festejo religioso católico que se perdura por uma semana, ocorrendo anualmente. Nesse evento é celebrado o tempo de fé e a Paixão, morte e Ressurreição de Jesus, com o desenvolvimento de campanhas de fraternidade ao combate da violência e o incentivo à paz e amor ao próximo. Ocorrem missas durante a semana, a procissão de ramos, e a caminhada da paz com o direcionamento das três imagens dos santos e a apresentação da Encenação da Paixão de Jesus Cristo, peça teatral que é desenvolvida em uma das ruas da cidade.

O estudo sobre as sociabilidades e representações urbanas no período da *Semana Santa* na cidade de Santa Cruz do Piauí, tem como recorte temporal inicial meados do ano de 2008 e vai até o ano de 2018. Essa análise sobre o viver urbano especificamente na *Semana Santa*, partiu mediante ao embate que ocorreu entre os anos de 2008 e 2009, entre o representante católico e um representante de um espaço de sociabilidade que estava sendo inaugurado na urbe. No ano de 2008 houve essa inauguração da Casa de Shows Emoções que encadeou tensões entre o dono da mesma e o pároco da cidade. Todavia, é necessário ressaltar que o ponto chave que propiciou a expansão desse conflito foi a mudança do dia da festa, em 2009 no período da *Semana Santa*, da quarta-feira para a sexta-feira. De modo que, esse embate transcendeu os muros da igreja e da casa noturna e articulou os trabalhadores da casa de festa ao proprietário. E, juntamente ao padre, a paróquia da cidade San't Ana, e os fiéis católicos.

Essa peripécia móbil pelas diferenças de ações e pensamentos no mesmo céu urbano, nos despertou a curiosidade por abordar a cidade de Santa Cruz do Piauí a partir desse evento religioso. A pesquisa não tem como objetivo dar visibilidade ao conflito, mas descortinar a cidade de Santa Cruz do Piauí como espaço movido pela sua sensibilidade, significados, discursos e práticas. Desse modo, surgem os seguintes questionamentos: 1) Quais as memórias e percepções representativas dos santa-cruzenses sobre a *Semana Santa*, na cidade de Santa Cruz do Piauí? 2) Como esses sentidos percebidos pela memória e representação são discursados e praticados? 3) De que modo as atividades religiosas, como a apresentação da peça teatral e as práticas de alimentação nesse período, são captadas também como fenômenos da cultura local? 4) Quais os espaços/práticas de sociabilidades transcorridos (a) na urbe nesse período, vinculadas ou não ao festejo religioso? 5) Quais as movimentações desses espaços

¹ Festa que ocorre nos dias 31 de outubro e 01 de novembro, nomeado de Santa Cruz folia, por ser considerado os festejos comemorativos da cidade, que ocorrem com apresentações de bandas, desfiles e gincanas. As festas com apresentações de bandas de forró, atraem multidões para a cidade. Organizada e financiada pela prefeitura da cidade, desse modo um evento municipal.

antes e durante a *Semana Santa*, e de que modo essa movimentação transforma o cotidiano dos cidadãos?

Para responder essas perguntas fizemos uso de fontes orais, escritas e imagéticas. Foram realizadas entrevistas com os sujeitos da pesquisa, moradores locais que participaram, vivenciaram e ou/assistiram a *Semana Santa* no período do ano de 2008 a 2018. Para a realização das entrevistas, o modelo metodológico escolhido foi o temático, isto é, abordando a *Semana Santa*, as suas representações, tradições, costumes, práticas e sociabilidades. Referindo-se as vivências dos entrevistados, entrelaçando esses relatos nas perspectivas coletiva e individual. Sônia Maria de Freitas (2002) aponta a História Oral como possibilidades e procedimentos, ou seja, respectivamente fonte e técnica, “sua abrangência, além de pedagógica e interdisciplinar, está relacionada ao seu importante papel na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais.” (FREITAS, 2002, p.15)

Além disso, a escolha dos entrevistados ocorreu de acordo com a relação deles com a temática da pesquisa. Realça o imaginário urbano e as representações acerca da *Semana Santa* em diferentes sujeitos e/ou grupos sociais, possibilitando caminhos que vislumbram essas práticas religiosas facultando moldes de uma identidade urbana. E mais, como essa identidade é fragmentada em diferentes percepções, discursos e práticas, recebe-se que, “os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva.” (FREITAS, 2002, p.21-22).

Francisco Alcides do Nascimento (2014), destaca a necessidade prévia de uma pesquisa acerca dos entrevistados, de informações sobre o contexto que os sujeitos da pesquisa estão inseridos. O entrevistado possui visão de mundo diferente da visão do pesquisador, construída por meio de experiências vivenciadas, por ter ouvido tratar dos contemporâneos, ligados a familiares ou grupo social ao qual pertencia/pertence (NASCIMENTO, 2014, p.87). Cabe ressaltar, como o referido autor aponta, que esta reflexão permite ao historiador, se colocar enquanto manejador do método da História Oral, atentando-se constantemente as subjetividades.

Se articula também nessa investigação, dados sobre cidades obtidos no site do IBGE (2010), o Código de Postura do Município de Santa Cruz do Piauí, o Roteiro da apresentação da Paixão e morte de Jesus Cristo, poesias e fotografias disponibilizados pela paróquia Sant’ Ana do município. Para analisar essas fontes fizemos uso do suporte teórico metodológico de Raquel Rolnik (1995), Sandra Jatahy Pesavento (2007), Michel Pollak (1992), Ana Fani

Alessandri Carlos (2007), Michel de Certeau (2008), Eric Hobsbawm (1984) e Terence Ranger (1984), entre outros.

Esses autores nos ajudaram a entender que a cidade é, antes de mais nada, um ímã (ROLNIK, 1995) e a *Semana Santa* se constitui como um fenômeno de atração para urbe, pois desenvolve aspectos como o aumento populacional, por vir atrelada de um feriado, e as missas e festas, que atraem os moradores da urbe e comunidades rurais. Juntamente a aspectos econômicos, com o aumento da movimentação nos estabelecimentos comerciais. Desse modo, a pesquisa se propôs a visibilizar o multifacetado universo da cidade a partir desse evento, de modo que as atividades que transpassam durante o período excedem quesitos religiosos.

Dessa maneira, fizemos uma reflexão breve sobre como ocorreu o processo de construção e povoamento da urbe, “refletindo sobre a natureza, a origem, e a transformação das cidades” (ROLNIK, 1995, p. 9). A pesquisadora Raquel Rolnik, em suas análises, compreende a cidade como ímã, enxergando o espaço urbano como campo magnético que atrai as pessoas. Nessa linha de raciocínio, nosso ímã é fragmentado entre tantos outros. O primeiro, o rio Itaim, depois a Fazenda Tranqueira, em seguida o templo religioso católico e, por fim, a *Semana Santa*.

Segundo a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2004), é mediante os discursos e representações que também se constrói uma cidade. Desse modo, percebe-se as tensões e percalços entre as diversas representações que a *Semana Santa* tem sobre os santa-cruzenses, pois compartilhamos da ideia de que a cidade se constitui,

Como um *lócus*, seja da realização da produção ou da ação social, mas sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão. Não se estudam apenas processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade. Indo mais além, pode-se dizer que a História Cultural passa a trabalhar com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais. (PESAVENTO, 2004, p. 77-78).

Nessa trajetória, analisa-se as representações como elementos institucionalizadores dos discursos e ações no período da *Semana Santa*, com diferentes vieses entre os cidadãos. De acordo com as tradições católicas, representa como um período de fortalecimento da fé, tempo de oração, jejum e penitência, todavia para outros sujeitos e/ou grupos cidadãos representa tempo de prazer e diversão. Ressaltamos que as perspectivas de Sandra Jatahy Pesavento guiam o trabalho como um todo, pois assim como ela, a pesquisa percebe também as possibilidades de revisitar o imaginário cidadão para fortalecer a análise sobre a cidade.

Além das representações, trabalhamos na busca por entender a *Semana Santa* presente na memória dos santa-cruzesenses, analisando a complexidade das memórias individuais e coletivas, que também constituem as ações e discursos citadinos. Assim, partimos dos estudos de memória de Michel Pollak (1992), procurando entender como as memórias individuais se alinham, tornando-se uma memória coletiva. Vale ressaltar a relevância das memórias individuais enquanto institucionalizadores do lugar representacional em cada cidadão. Juntamente, é preciso pensar uma categoria de análise em que desmonta esse período, em concepções pré-estabelecidas por Eric Hobsbawm (1984) e Terence Ranger (1984) que integram o conceito de tradição e costume.

Adiante, dialoga-se com os estudos de Ana Fani Alessandri Carlos (2007), referente ao uso da rua. Assim, abordamos a Rua Né Aristarco (rua principal) não somente como lugar de passagem, mas como palco teatral. Isso se dá, uma vez que pensamos na atividade religiosa da *Encenação da paixão de Cristo*, como reduto de uma cultural local. Dessa forma, atenta-se a utilização e apropriação dos espaços da rua pela Igreja, ao passo que vislumbramos como ocorre o planejamento da peça e as transformações e relações propiciadas pela realização da peça nesse espaço. E analisar as mudanças no cotidiano dos cidadãos durante a *Semana Santa*, mediante aos hábitos alimentares, em diálogo com as ideias de Michel de Certeau (2008), na sua obra “A invenção do cotidiano vol. 2”.

Os estudos sobre História e Cidades, proporcionam possibilidades reflexivas sobre o urbano, como uma estrutura social captável pelos espaços de sociabilidades e percepções imagéticas. As identidades que configuram o coletivo e o individual cidadão são perceptíveis mediante aos sentidos visual, auditivo e olfativo. A cidade comporta sensibilidades, pensamentos, emoções, sentimentos e ações que incorporam essas linhas de pesquisa sobre cidades mais que suas estruturas arquitetônicas (PESAVENTO, 2007). Desse modo, sob a perspectiva de Sandra Pesavento, pensamos a urbe a partir dos espaços de sociabilidades, sobretudo as ruas, as praças e os bares.

O objetivo não foi contender com a tradição religiosa, e/ou sua relevância, mas entender um espaço urbano contemporâneo de representações e sociabilidades, que desdobram num multifacetado caminho social. Ressaltamos que, foi feito alguns recuos temporais para podermos compreender as transformações pela qual a referida urbe passou, pois, embora esse estudo se direcione a uma história recente, as linhas de entendimento da cidade que se configura na contemporaneidade, necessitam do olhar ao passado para compreensão do presente.

A disciplina de “Cidades e História” ministrada pelo professor Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos², ajudou a relacionar a pesquisa sobre cidades com a *Semana Santa*, e também a disciplina de “História e Literatura” ministrada pelo professor Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito³, ambas optativas, que permitiram compreender que todos os contextos sociais se encerram nas suas subjetividades e na importância dos fatos atrelados às constituições das resistências. Com as comemorações desse festejo católico, percebemos a urbe como palco de tradição e um espaço de demarcação espacial e poder religioso. Consequentemente, há uma resistência advinda dessas ocupações, onde se entende como práticas divergentes a religiosidade, sendo essas percebidas como profanas.

A história dessa pesquisa também se desdobra no atual cenário da chamada História Cultural⁴, estas sendo práticas historiográficas que privilegiam os modos de pensar e de sentir dos indivíduos de uma mesma época. Novas linhas de pesquisa que nos permitem a problematização de novos objetos. É uma história do sistema de crenças, de valores e de representações próprios a uma época ou grupo (CHATIER, 1998), que nos aguçou a percorrer pelos caminhos da cidade de Santa Cruz do Piauí no período da *Semana Santa*. Para alcançarmos as mais diversas leituras que a cidade proporciona através da sua história, no entendimento do quebra-cabeça que a cidade se constitui e que está em constante movimento, que podem ser lidos e imortalizados, enriquecendo os estudos de Cidades e Culturas urbanas.

Dito isso, o referido trabalho estrutura-se em introdução e mais dois capítulos. O primeiro, intitulado SEMANA SANTA: TRADIÇÃO, MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES NO CONTEXTO URBANO, fizemos um recuo no tempo para enfatizar a construção da urbe, e tentamos compreender a tradição religiosa da *Semana Santa*, as memórias e representações entre os cidadãos. No segundo capítulo, O PROFANO ROUBA A CENA: COTIDIANO, VIVÊNCIAS E SOCIABILIDADES, evidenciamos como esse evento religioso ocorre no viver urbano e propicia mudanças significativas nas suas vivências e sociabilidades, ligadas ou não a Igreja, bem como na ocupação dos espaços das ruas, praças, bares e festas.

² Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí/ Picos. Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Coordenador de Área de História do Pibid – UFPI/Picos. Coordena e dirige o Grupo teatral TEMPUS – Teatro Experimental Universitário em Estudos Históricos, Projeto de Extensão cadastrado na UFPI/ CSHNB/ PREX. Desenvolve pesquisas sobre sociabilidades e sensibilidades urbanas em Teresina no período das décadas de 1980 e 1990.

³ Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí/ Picos. Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

⁴ História cultural, pode ser definida, como a relação entre as abordagens da antropologia e da história para olhar para as tradições da cultura popular e interpretações culturais da experiência histórica e humana.

2 SEMANA SANTA: TRADIÇÃO, MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES NO CONTEXTO URBANO

A identidade refletida pode como representação (sensorial), coincidir ou não com o modelo original. O jogo do espelho (refletindo/criando imagens) faz parte de um sistema de recepção e representação no mundo que vem mudando segundo as épocas e do qual o historiador da cultura se esforça por se aproximar (PESAVENTO, 2002, p. 157).

As visões sobre o urbano foram ganhando novos moldes ao decorrer dos ciclos e o historiador ressignificando o fazer historiográfico, correspondendo às mudanças do mundo, a exigências de novas compreensões e aos seus anseios. Sandra Jatahy Pesavento ao se debruçar historicamente sobre o imaginário da cidade, concebido por representações, identidades e sentidos, apresenta um quadro analítico de uma cidade espelhada que transmite um sistema receptivo que expande cada vez mais os estudos culturais. Nesse capítulo, percorremos os caminhos que perpassam as cidades, que permitem descortinar as dimensões imagéticas, leituras, escritas, materialidades e discursos que constituem as pedras minuciosas que dão significados as culturas urbanas (PESAVENTO, 2007).

O itinerário se direciona sobre a cidade de Santa Cruz do Piauí, sendo nós leitores e investigadores, ressignificando e immortalizando as suas raízes e ápices. O espaço urbano se concebe como lugar histórico, pois compõe grupos sociais, relações, mediações e conexões espaciais e temporais que se estruturam entre si, tornando-se um território demarcador de várias histórias entrelaçadas. Uma mesma cidade desdobra-se em várias cidades, redefinindo o campo social citadino com subjetividades próximas e distanciadas, a qual esses fragmentos dão origem ao que chamamos de tramas urbanas. Ao enfatizarmos os estudos de Sandra Jatahy Pesavento entendemos que:

A cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. [...] Mas a cidade é, ainda, sensibilidade [...] a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção e emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (PESAVENTO, 2007, p. 14).

De acordo com Pesavento, a cidade se configura não apenas como físico-geográfico, mas como um espaço que comporta sensibilidades. O viver urbano é, sobretudo, sensível no que se concerne os sentimentos, sociabilidades e representações que são construídas das

relações contíguas pelos indivíduos ocupantes desse espaço, e tais incorporados ao universo subjetivo, sensível nas ações e pensamentos, no individual e coletivo, próprio do seu tempo.

Esse contexto espacial e temporal designado remete aos santa-cruzenses nas suas interações privadas e coletivas nas terras da Santa Cruz do Piauí, ao modo de agir e pensar desses sujeitos, em determinada época. Compreendemos a cidade em estudo como múltiplas cidades, cada uma própria do tempo em que está inserida. Desse modo, tornou-se nosso recorte espacial dessa pesquisa, sendo abordada especificamente no período da *Semana Santa*, que corrobora as vivências, costumes e sentidos da tradição, percebidos pelas representatividades dentre os cidadãos sobre esse evento religioso festivo.

2.1 A cidade

Santa Cruz do Piauí passou por um processo de mudanças seguindo o mesmo modelo da maioria das cidades piauienses. Originou-se primeiro de uma fazenda, seguida de um ponto comercial e logo uma capela. Essa localização geográfica posteriormente se transformou no espaço urbano passando por algumas etapas estruturais e políticas. Iniciou-se com a Fazenda Tranqueira – que fazia parte do território da cidade de Oeiras –, primeiro núcleo a se formar no atual município, que se localizava em torno do rio Itaim, rico em vegetação natural de carnaubais.

As práticas comerciais desenvolvidas no campo eram a criação de gado e a comercialização da carnaúba. O crescimento dessas atividades expandiu o comércio, demandando que os fazendeiros adquirissem mais trabalhadores para a extração carnaubal e criação de gado. Segundo os estudos da autora Ana Joana de Sousa (2014), a Tranqueira localizava-se nas terras que pertenciam aos fazendeiros Manoel Clementino de Sousa Martins e Joaquim de Moura. A autora relata que o crescimento da população se deu com a imigração dos paraibanos e cearenses, que fugiram da seca de 1932; algumas famílias de suas avós materna e paterna, inclusive seu avô paterno, que foi escravo e veio da Bahia com outros escravos após a abolição da escravidão.

Além disso, com um agrupamento populacional nesse espaço, necessitou da ação dos tropeiros⁵ para a efetuação de compras em outras regiões. Essas compras eram realizadas para

⁵ Trabalhadores responsáveis por desenvolver o tráfego de mercadorias, praticando o comércio em costas de animais.

atender à necessidade da população acerca de algumas mercadorias, como o café, o sal, aguardente, fósforo, querosene, tecido, perfume, mobílias etc.

No ano de 1937 os moradores do campo, realizaram a primeira feira na localidade, expandindo o comércio. De modo que um dos tropeiros Manoel Moco Chicaca, mudou-se para o local, e construiu a primeira casa. Quinze dias depois foi construída a segunda, e assim sucessivamente. A realização da feira, oportunizou para os moradores transformarem o local em vila, a qual nomearam de Vila Estreito que se localizava próxima a Fazenda Tranqueira, situada entre uma colina e o rio Itaim. No mesmo ano, houve a segunda feira, a qual proporcionou a expansão da vila que logo depois tornou-se povoado. Em 1940, passou por um forte período de chuvas, que ocasionou uma grande enchente. Com o aumento do fluxo fluvial, houve a inundação de boa parte do povoado, por consequência de tal fato, tiveram que fazer a transferência do povoado para o outro lado do morro.

Os fazendeiros, trabalhadores e suas famílias foram se aglomerando, dando origem a esse povoado. Em meados do século XX, mais especificamente na década de 1950, o povoado passou por um processo urbanístico, construindo os primeiros moldes urbanos do município, e passou a ser chamado de Santa Cruz do Estreito. Com a aglomeração fixa dos moradores, foi construída inicialmente uma capela, em 1943. A mesma servia como local de atração dos cidadãos e dos que residiam nas localidades rurais, atraindo moradores para a cidade.



Figura 02: Ampliações da Igreja de Senhora Sant'Ana (1943-2000)
Fonte: SOUSA, 2014, p.15.

Na imagem acima (figura 2), retirada do livro “70 anos da Igreja Senhora Sant’Ana”, cedido pela paróquia da cidade, escrito por Ana Joana de Sousa, percebemos as transformações do templo religioso da Igreja Católica. No ano de 1948 a capela teve sua primeira ampliação. Na década de 1960, quando ocorreu a emancipação da cidade, a capelinha teve a sua segunda reforma. No alvorecer dos anos 1980, a cidade passou por um processo de urbanização, o mesmo que também refletiu na reconstrução da Igreja, quando ergueram a torre. Somente após os anos 2000 a Igreja foi reformada ao modelo que é atualmente, com pequenos reparos.

Essa construção arquitetônica e simbólica, inicialmente surgiu como uma pequena capela, que se localizava próximo a Tranqueira. No entanto, é possível observar que a sua fachada da frente, apesar das reformas, manteve o modelo inicial. Em diálogo com os estudos da arquiteta e urbanista Raquel Rolnik, propiciou a análise sobre a capela na década de 1960, como um dos ímãs que servia para atrair novos moradores, primeiro o rio Itaim, seguido da fazenda construída perto do rio e, posteriormente, a capela. Com o decorrer dos anos, cada vez mais pessoas vinham para a localidade, por isso a capela passou por reformas e crescimento na infraestrutura para que pudesse comportar a nova quantidade de cristãos que iam chegando pois,

A construção do local cerimonial corresponde a uma transformação na maneira de os homens ocuparem o espaço. Plantar o alimento, ao invés de coletá-lo ou caçá-lo, implica definir o espaço vital de forma mais permanente. A garantia de domínio sobre este espaço está na apropriação material e ritual do território. E assim, os templos se somam a canteiros e obras de irrigação para constituir as primeiras marcas do desejo humano de modelar a natureza (ROLNIK, 1995, p.13).

A partir dos estudos de Raquel Rolnik, é possível refletirmos sobre a natureza, origem e transformação das cidades. No desenvolvimento de uma fazenda e, por conseguinte, uma capela, respaldou na ação humana sobre o espaço geográfico onde atualmente localiza a cidade. Por sua vez, a fazenda foi se transformando e dando origem ao espaço urbano. Nesse cenário de povoamento, mais casas foram construídas, as atividades comerciais se expandiram e aumentou a procura por mão-de-obra, contribuindo para a migração das pessoas do campo para o espaço urbano.

Desse modo, com a origem da fazenda e o crescimento na pecuária e extrativismo vegetal, houve um crescimento populacional e migratório para a região que posteriormente deu origem a cidade de Santa Cruz do Piauí. O povoado Estreito localizava-se nas terras da cidade de Oeiras. Na década de 1950, a Diocese de Oeiras fez a doação das terras para emancipação do município, para que posteriormente reivindicassem ao governo do Estado sua emancipação

política. Gregório Martins, fazendeiro e representante político, propôs comprar a outra área da terra do município de Oeiras, fazendo uma permuta junto a diocese.

O processo de desenvolvimento deste espaço configurando-se como cidade, foi palco de diversas transformações ao longo do tempo. A primeira definição de espaço permanente ocorreu com a construção dessa fazenda chamada Tranqueira. A partir da mesma, foram sendo construídos espaços de sociabilidades, a casa grande e, ao redor, as casas dos empregados. Isto posto, foi surgindo a criação de gado e as plantações, inclusive a construção da já citada capela.

**Santa Cruz és também meu Brasil,
meu Brasil, és também Santa Cruz**

Santa Cruz tu és nossa adorada
Hospitaleira cidade da cruz
Onde os olhos de Deus se refletem
Com desfecho de linda ternura

Salve, salve, terra bela
Onde ergue o morrinho da cruz
A origem do seu lindo nome
Ó divina cidade de luz

Santa Cruz teus verdes carnaubais
Banhados pelo rio Itaim
No auriverde pendão da bandeira
Retratando uma beleza infinda. (SANTOS, 2010).

A professora e compositora santa-cruzense Sebastiana Ribeiro dos Santos, escreveu o hino acima “*Santa Cruz é também meu Brasil, meu Brasil, és também Santa Cruz*”, em Santa Cruz do Piauí, no ano de 2011. A autora é conhecida popularmente como professora Preta Raquel. O hino foi desenvolvido no intuito de homenagear a cidade, e foi pensando especialmente no mês de dezembro onde anualmente se consagra mais um ano de criação da urbe. Ao recitá-lo em um dos eventos que ocorreu no mesmo ano, em comemoração à mais um aniversário da cidade, ele foi analisado por alguns especialistas, concorrendo com outros autores locais que também compuseram seus versos, foi escolhido e exaltado como o hino oficial santa-cruzense. Essa representação simbólica dos elementos naturais da urbe, fez com que a autora aprimorasse os versos estruturalmente em cântico.

No ano seguinte, em 2012, os versos edificados como o hino municipal passaram a ser cantados obrigatoriamente em todas as escolas municipais, e, posteriormente, nas estaduais, antes do início das atividades escolares. Em alguns versos, pode-se observar a presença da religiosidade, que caracteriza o morro da cruz como fundamento principal para a denominação da cidade.

Na primeira estrofe, na frase *Hospitaleira, cidade da cruz*, igualmente percebemos o elemento da *cruz*, o qual foi considerado primordial para a nomeação da cidade, e *hospitaleira* evidenciando a sua atratividade. Na segunda estrofe, outra passagem relata sobre o morro, contextualizando o passo de construção local geográfica em volta dele, e a cruz posta em cima, trazida pelos moradores que praticavam as vendas de mercadorias. Desde o desenvolvimento do seu povoado, a cidade foi marcada por as atividades comerciais e religiosas.

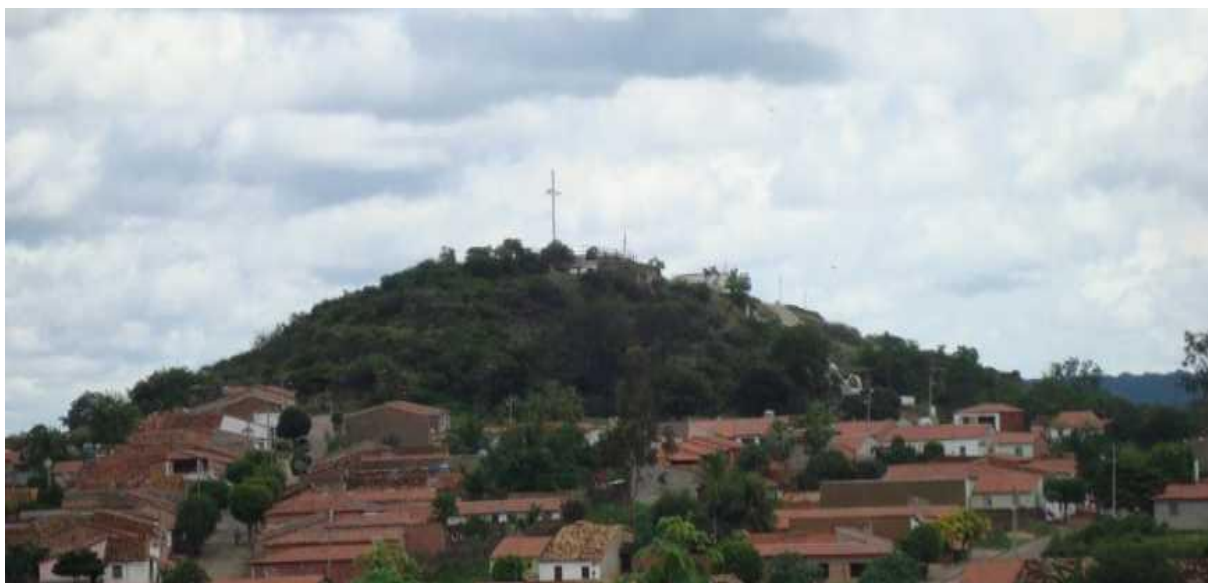


Figura 03: Morro da Cruz localizado na cidade de Santa Cruz do Piauí no ano de 2015.

Fonte: <https://www.ferias.tur.br/fotos/5680/santa-cruz-do-piaui-pi.html>

A imagem acima (figura 03), apresenta o morro da Cruz localizado na cidade de Santa Cruz do Piauí, estrutura arquitetônica e simbólica que propiciou a escolha do nome da cidade. Em 03 de maio de 1939, a cruz foi feita pelo carpinteiro de nome Francisquinho, com a colaboração dos moradores, foi firmado no morro o cruzeiro, subido em cordas e acompanhado pelo povo que cantarolava os hinos católicos. No ano de 1956 a cidade que ainda era o povoado Estreito, pertencente ao município de Oeiras, passou por um processo de renomeação:

No período entre 1956 a 1958, surgiu a ideia de trocar o nome do povoado que era conhecido como Estreito ou Santa Cruz do Estreito. O grupo da família Clementino de Sousa Martins, queriam homenagear Né Aristarco, com o nome SOUSA MARTINS. O grupo da Igreja queria o nome de SANTANA DO ITAIM, os comerciantes e os jovens tendo como líder Docate Rufino, queriam CRUZILANDIA, outro grupo mais simples, os trabalhadores, queriam TERRA DE SANTA CRUZ (SOUSA, 2014, p.23).

Segundo os estudos da autora Ana Joana de Sousa, houve um processo de discordância entre os moradores do local para qual seria o novo nome do povoado, posteriormente um

município. Nesse contexto, o farmacêutico Zezé Rufino, marcou uma reunião com as lideranças políticas locais, argumentou que uma mudança no nome ocasionaria questões documentais e burocrática sobre o processo de criação da lei de municipalização Nº1446 de 30 de novembro de 1956, durante cerca de dois anos para a instalação do município, que ocorreu em 20 de dezembro de 1958. Desse modo, chegaram ao consenso e aprovaram o nome de Santa Cruz do Piauí, pois na época o povoado já era chamado de Santa Cruz do Estreito, devido a firmação do cruzeiro.

Querida Santa Cruz

Muitos a ti querem vir
Porque tua beleza reluz
Junto o brilho do sol,
No alto do morro da paz
Um brilho que nos irradia
Iluminando-nos a cada dia
Situada à beira do rio Itaim
Rodeada de belezas naturais
Nela encontramos tudo que nos satisfaz. (SILVA, 2011).

O poema acima, “Querida Santa Cruz”, foi escrito pela compositora e professora Dionésia Silva, em Santa Cruz do Piauí em 2011. Nos versos dessa composição, notamos o amor e zelo da autora por sua terra. É perceptível o desejo da autora de expressar seus sentimentos pela urbe, e também mostrar aos leitores e convencê-los da beleza e atratividade da cidade. Além disso, possui traços em comum ao do poema de Sebastiana Santos, pois essas narrativas poéticas sobre a cidade constituem-se com um caráter patriota na fala das autoras. E apesar de haver dificuldades econômicas, fortes períodos de chuva, a mesma é considerada por grande parte de seus cidadãos como uma cidade atrativa.

A cidade de Santa Cruz do Piauí, suas tramas, representações e sociabilidades, constituem numa conjuntura de transformações e significados do viver urbano, que se desdobra como um espaço multifacetado, de relações sociais do espaço público e privado, de memórias coletivas e individuais, que comportam sentimentos e sensibilidades, de estruturas sociais urbanísticas que em conjunto constroem o *ethos*⁶ santa-cruzense e uma identidade social. No alvorecer da sua urbanização e no decorrer das suas vivências, adquiriu uma relação com a escrita (ROLNIK, 1995), compreendendo as riquezas que a cidade possui, através de livros, poemas, sentidos, manifestações culturais, religiosas e estruturas arquitetônicas. A urbe se

⁶ É o conjunto de traços e modos de comportamento que conformam o caráter ou a identidade de uma coletividade. A síntese dos costumes e hábitos de um povo.

configura como um espaço de sociabilidade nos mais diversos âmbitos, sobretudo no cultural, econômico e religioso, os quais se relacionam entre si.

A ótica da cidade é percebida através da sua materialidade arquitetônica e pelos traços das ruas, na possibilidade de enxergar o passado, contidas na urbe do presente. E através da sua cultura imaterial, assim como a *Semana Santa*, um atrativo cultural da urbe com subjetividade próprias locais, verifica-se uma leitura no tempo na e pela cidade, entrelaçando as dimensões que constitui uma identidade urbana (PESAVENTO, 2007). Bem como, compreender a construção do caráter religioso-cultural sobre o evento da *Semana Santa*, nas memórias, representações, práticas e discursos dos cidadãos.

2.2 Entre a Fé e o Prazer: A Semana Santa e suas ressignificações

A compreensão sobre a *Semana Santa* na cidade de Santa Cruz do Piauí, no debruçar desse itinerário histórico, ocorre ao passo que damos voz e escrita aos sentidos, memórias e percepções imagéticas, que proporcionaram obter uma contextualização sobre as estruturas sociais da referida urbe.

Inventar o passado é uma arte, subsidiada pela imaginação dos sujeitos, e através do imaginário recriar o passado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007). Os usos das fontes possuem uma relação profícua com os signos imagéticos, pensar sobre os caminhos antes mesmo das chegadas, vislumbrando a história como uma arte que está constantemente se reinventando. Embora essa análise direcione-se a uma história recente, o passado oportuniza refletir sobre o presente da cidade, mediante as memórias, individuais e/ou coletivas. E assim, com esse auxílio, enfatizarmos as representações e a rememoração desses sujeitos sobre esse evento religioso/cultural.

Esse íterim se destina as concepções de memórias que predominam e/ou possibilitam as representatividades. A memória constituída entre os cidadãos ingressa na memória passada de geração em geração. Michel Pollak (1992) nos traz a possibilidade de compreender a memória a partir de leques dimensionais. Ele ressalta que inicialmente a memória é percebida como um fenômeno individual, próprio e íntimo do sujeito. É o alinhamento dessas, de grupos e atores sociais, que constroem uma memória coletiva, que dão linhas ao conceito estabelecido por Pollak, de memória por tabela. Sendo assim,

São os acontecimentos dos quais nem sempre a pessoa participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas é

quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p. 2).

Assim, é plausível analisar com a citação acima de Michel Pollak, que esse leque dimensional da memória possibilita que através da mesma o sujeito se sinta pertencente a um grupo e/ou uma identidade social. Pois, são acontecimentos que nem sempre o sujeito participou, mas, através de histórias passadas de geração em geração, se enraízam no imaginário, e tornam-se quase imperceptível perceber se houve a participação ou não no acontecimento. Essa estrutura metafísica da memória é advinda de uma socialização política ou histórica, que Pollak pré-estabelece o conceito de memória herdada.

A partir disso, cabe destacar um aspecto relevante para as análises aqui desenvolvidas, embora não presenciemos a inauguração da casa de shows que despertou a curiosidade inicial dessa discussão, esse acontecimento foi instituído e perpassado como um fato social entranhado a uma memória coletiva sobre a chegada desse espaço de sociabilidade na urbe. Assim, nos tornou quase como sujeito que também protagonizou o evento, embora essa percepção seja apenas um fenômeno da memória herdada, estabelecida por Michel Pollak.

Por outro lado, ao longo da investigação, com a entrevista feita inicialmente com o padre Ferdiran Fontes Mendes e a utilização do seu depoimento como fonte principal no primeiro momento dessa pesquisa, nos deparamos com outro leque dimensional da memória enfatizada por Michel Pollak. Embora em muitos momentos os acontecimentos se tornem imutáveis e invariáveis, alguns são ressignificados ao passo que são exteriorizados a existência íntima do sujeito, e uma dessas questões foi em relação às datas. Ferdiran Fontes Mendes nos relatou que a inauguração da Casa de Shows Emoções ocorreu no ano de 2004, através de lembranças coletivas e individuais que possui sobre o evento. Entretanto, ao longo das entrevistas que fizemos com o dono da Casa de Shows Emoções, Francisco Geneval Goncalves e adjunto a Ayla Maria Alves da Silva que trabalha na paróquia da cidade, alcançamos a informação que a inauguração desse espaço festivo, autenticamente ocorreu no ano de 2008. Pois como nos relatou Ayla Silva:

Aconteceu em 2008, pois em 2004 aqui ainda não era paróquia, aqui passou a ser paróquia em 2005, aí no tempo do padre Ferdiran, era em 2008 já. Eu acredito que seja porque o Padre não lembra, porque realmente faz muito tempo. E foi assim a inauguração foi em 2008, mas não foi exatamente na

inauguração, foi numa festa da banda Limão com Mel que ele quis colocar, pois a inauguração foi com a banda Gatinha Manhosa e essa festa eu fui, já de Limão com Mel não fui. Então foi em 2009 que ocorreu o movimento e fortaleceu esse embate (SILVA, 2019).

As lembranças da depoente Ayla Maria Alves da Silva, reforçam a constatação que a inauguração ocorreu em 2008. Assim, de acordo com os depoimentos as recordações sobre essa realização inaugural e dos seus efeitos, tornou-se uma memória coletiva, uma vez que, esses fatores se tornaram constantes. Por outro lado, na questão do período, ou seja, ano em que ocorreu, houve um impasse entre as memórias datadas. O que nos permite analisar, nessas diferenças as construções sobre esse lugar, tanto de memórias individuais, como de uma memória coletiva nos cidadãos, pois,

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu (POLLAK, 1992, p. 2).

E que também,

Se destacarmos essas características fluante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariáveis, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a lógica cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante (POLLAK, 1992, p. 2).

De acordo com Michel Pollak, a memória coletiva é uma dimensão social construída socialmente pelo espaço que está inserida. Mas vale ressaltar que o sujeito detém a capacidade para constituir suas memórias, como um processo de seleção das lembranças, de modo que determinados acontecimentos podem ser esquecidos ou silenciados. Isso ocorre na questão das entrevistas efetuadas com esses atores sociais da cidade de Santa Cruz do Piauí. É nesse aspecto que os estudos de Sônia Maria de Freitas (2002) sobre o uso das fontes orais nos auxiliaram nas interpretações das memórias cidadãs e das suas múltiplas representações, bem como na reflexão quando nessas ocorrem convergências e divergências. A História Oral não é sinônimo de história de vida, mas constituídas através de entrevistas com os sujeitos que podem testemunhar um acontecimento.

Nessa divergência em relação a data em que ocorreu a inauguração da Casa de Shows Emoções, houve a necessidade de buscar fontes, especialmente imagéticas que reforçasse a informação que o ano inaugural desse espaço foi em 2008. No entanto, o depoente Francisco Geneval Gonçalves proprietário do estabelecimento, informou que não possui documentação de alvará de funcionamento do mesmo. A investigação seguiu atrás de folders com a divulgação da festa, mas essas fontes não foram obtidas, pois o computador que produzia essas artes, já havia passado por algumas formatações, o que causou a perda de imagens dos anos de 2008.

Por outro lado, cabe salientar que quando se trata a memória, há um estado de intensidade que diminui ao passar do tempo e que de certa forma, os ensinamentos embora herdados, limitam-se ao passar das gerações. No entanto, embora as ressignificações dos costumes constituídos pelas memórias, as essências em sua maioria permanecem. Nessa perspectiva, adentra os conceitos de tradição e costume, estabelecidos por Eric Hobsbawn e Terence Ranger (1984), na obra *A Invenção das Tradições*. A preservação da memória é um elemento existente em toda sociedade. Desse modo, em diálogo da pesquisa com as concepções dos autores citados acima, compreendemos uma estrutura de linguagens sobre o conceito de tradições, em moldes inventivos. Nessa perspectiva, a tradição se desenvolve sob regulamentos, rituais, simbolizações e memórias. Essas características desdobram pelos comportamentos dos sujeitos, consonante a repetição que ocasiona uma continuidade de práticas que conseqüentemente se enraízam.

Essas interpretações imersas nas estruturas memorialísticas, rompem a sincronização da ideia de tradição, com a ideia de costume. A tradição se desenvolve de certa forma invariável, a continuidade de aspectos do passado, práticas e regras, implicam na sua invariabilidade. Já o costume, está apto às inovações, a compatibilidade precedente não impede desse costume ser ressignificado e, ainda assim, permanecer como costume. Desse modo, memória está vinculada as estruturas metafísicas dos acontecimentos e personagens e também a lugares. Assim, a cidade de Santa Cruz do Piauí se constitui como lugar de memória, a *Semana Santa* como o acontecimento e os cidadãos como personagens.

Nesse aspecto de rememoração às celebrações da *Semana Santa* de cunho religioso, são como uma preservação da memória e da tradição. Nesse sentido, a *Semana Santa*, pautada pela religiosidade, se configuraria como uma tradição, já as outras representações da memória sobre a urbe surgem como formas de ressignificações cometidas pelos sujeitos/cidadãos, ou seja, como costumes. Nesse contexto social de rupturas, surge um quadro conflituoso entre os grupos

que compõem a urbe, no qual a perpetuação do discurso surge quando o objetivo é preservar a sua posição. Nesse caso surge uma espécie de conflito entre a tradição e os costumes.

A *Semana Santa* torna-se um elemento que possibilita um confronto representativo, que se desenvolve na perspectiva de tradição e costumes, de memória individual e coletiva. Ao se debruçar sob um cenário de dualidade, incorporado numa representação coletiva que remete à tradição e as representações individuais incorporadas pelos costumes. A interpretação coletiva sobre a *Semana Santa*, sem vislumbrar outras perspectivas e outros sentidos, faria com que a percepção sobre esse evento se tornasse algo homogêneo para os cidadãos. Por essa razão, abarcamos um quadro de pluralidades e subjetividades, quando remetemos as diferentes representações, que o multifacetado universo urbano e os sujeitos que nele habitam, constituem como uma sociedade heterogênea.

Nessa perspectiva, essa ocasião ocorre extensivamente em todo o país, contudo a cidade de Santa Cruz do Piauí, possui particularidades próprias, visões e ações históricas e literárias. Embora o evento seja católico, as ações não se restringem apenas a religião. As particularidades situam-se na percepção sobre o evento nos cidadãos e nas relações mediadas por eles. Como por exemplo, os lugares de sociabilidades que no período são representados e a maneira em que são ressignificados as suas próprias intenções.

O uso da rua para apresentação da peça teatral da encenação da morte e ressurreição de Jesus Cristo é uma prática singular quando se desenvolve com a utilização dos locais presentes nas suas ruas, como as casas dos moradores, as escolas, os postos de gasolinas. Cada ação é própria da estrutura espacial em que estão inseridas e dos discursos que lhe constituem. As relações de convivência nesse tempo, as festas, os bares próprios daquele lugar que permitem contar e relembrar as histórias que lá aconteciam através das conversas entre as pessoas. Nas missas, os fiéis se deslocavam tanto dos povoados, na Zona Rural, quando das suas casas na cidade. Havia também a explanação do evento religioso para além do muro da Igreja, com as visitas as casas da cidade, e ocupação das calçadas nos churrascos familiares.

As interpretações situadas sobre esse território urbano e essas práticas de sociabilidade dos cidadãos em Santa Cruz do Piauí, permeiam o percurso as suas particularidades. Os lugares próprios da cidade são uma estrutura subjetiva urbana, o modo de se relacionar, discursar e praticar esse evento. Essas subjetividades dão moldes inerente a esse universo urbano, captados mediante elementos urbanos como o espaço/localização, tempo e sujeitos que se conectam simultaneamente.

Em 2008, segundo Francisco Geneval Gonçalves, a inauguração da Casa de Shows Emoções, foi bastante lucrativa e movimentada, que ocorreu no dia da quarta-feira da *Semana Santa*. No ano seguinte, mudou a data da festa para sexta-feira, o que ocasionou o duro posicionamento da Igreja. O padre Ferdiran Fontes Mendes, que residia na cidade juntamente a comunidade católica, realizou uma manifestação a qual declarava estado de luto. Esse movimento era perpetuado nos discursos que ocorriam nas próprias missas e também através de manifestações artísticas, de forma que colocaram na fachada da Igreja cortinas pretas que reforçassem o estado de luto. Sendo assim, a partir desse ano, houve a divisão tênue dessas representações da *Semana Santa* e esse embate se tornou expressivo.

Em divergência as práticas religiosas, sujeitos e/ou grupos que não se adentram nos preceitos ou normatizações da Igreja Católica, nos discursos e práticas por estes, percebemos uma espécie de resistência a questão religiosa. De modo que, pode-se inferir que é propiciado pelas diferentes representações que a *Semana Santa* causa nos cidadãos. Assim, nesse lado representado como questões festivas e econômicas. De acordo com Francisco Geneval Gonçalves,

O espaço começou a ser construído em 2007, mas a inauguração só ocorreu em abril de 2008. E foi no dia da quarta-feira, da *Semana Santa*, com a banda Gatinha Manhosa. Como eu sempre trabalhei com festas desde 1986 em Teresina, quando retornei à Santa Cruz-PI, senti essa necessidade de construir esse espaço. Lembro que na inauguração colocaram uma festa pública, para atrapalhar a inauguração, mas não conseguiram. Já no ano seguinte não houve concorrência pública, mas a Igreja protestou, colocou luto e me deu um prejuízo grande, pois pouca gente foi e como era a banda Limão com Mel tive que pagar um cachê alto. Aí depois resolvi mudar a data. Mas agora devido as festas públicas, inclusive no CDU, ficou mais difícil (GONÇALVES, 2019).

A construção desse espaço festivo, segundo os relatos de Francisco Geneval Gonçalves foi um dos percussores para a divisão tênue de campos que até dantes se interligavam. Muitas práticas ocorrem, mas são percebidas apenas quando passam a ser discursadas. O discurso concebe a existência das ações, o poder e normatizações locais conflagra conflitos pelas diferenças entre os sujeitos. Verifica-se de acordo com o que rememora Ayla Maria Alves da Silva:

Quando se anunciaram nos carros de sons que haveria a inauguração de uma casa de festas na cidade, antes mesmo da inauguração, esse já era um assunto comentado nas calçadas, nas praças, nas casas e até mesmo na Igreja. O que de certo modo, influenciou as mudanças de conversas, discursos e ações dos cidadãos. Era a sensação do momento. A novidade, a modernização trazida para a cidade através de uma Casa de Shows (SILVA, 2019).

O depoimento de Ayla Silva, pontua que a construção e principalmente a inauguração desse espaço, já encadeou mudanças na ótica e ações dos cidadãos. Desse modo, quando ocorreu a inauguração, esse olhar atrativo para uma novidade que acabara de chegar na urbe, se intensificou. Os cidadãos ouviam os carros de som avisando sobre a festa, fato que levou muitas pessoas a se prepararem para ir a esse evento. O ônibus da banda chegando, os cantores que na época estavam no auge das suas carreiras, todos esses detalhes repercutiram o modo de pensar dos moradores e conseqüentemente nas ações e cotidiano urbano.

Segundo a entrevista do pe. Ferdinan Fontes Mendes, a divisão do sagrado e do profano tornou-se mais significativa a partir desse ano que houve a mudança na data, pois ele acredita que anteriormente ao ocorrido essa divisão não era percebida pelos cidadãos. E que muitos católicos, enxergavam essas práticas com naturalidade, como se a junção do sagrado e do profano já fosse tido com normalidade e ambas necessitassem ou fizessem parte uma da outra. Ele relata que antigamente, há uns 20, 30 anos, em localidades rurais vizinhas, eram feitos leilões de santos, seguidos de festas com músicas, forró e bebedeiras. Desse modo, relacionando a santificação com a profanidade. A inauguração da Casa de Shows Emoções administrada por Francisco Geneval Gonçalves, fez com que essa normalidade fosse posta em discussão, pois

Assim, em Santa Cruz-PI aconteceu o seguinte: ia ter uma inauguração de uma casa de show lá e foi marcado no período da semana santa, até porque penso que as pessoas de fora vêm para celebrar com seu povo, isso aconteceu numa quarta-feira, da semana santa, e estava tudo marcado, sem problemas, eu não disse que sim, nem que não, só achava melhor que se pensasse e não repetisse mais essas situações. Pronto, fechado. No outro ano seguinte, aconteceu uma situação também bastante desafiadora, em que se colocou a festa, mas não seria, mais na quarta e sim na sexta-feira, depois da meia noite. E conversei com o dono da festa, entramos em consenso que na verdade não seria uma data boa para se fazer isso, tendo em vista que é uma celebração da fé de Igreja, e que sexta-feira é sexta-feira, não é um sábado, não é um domingo, é sexta-feira, e mesmo começando depois de meia noite, continuaria sendo uma sexta-feira, porque não começa no sábado depois de meia noite. E tanto que a gente sabe como é as festas não se começa no horário, ela tem sempre uma situação prévia, mas já tava tudo organizado, eu conversei com os responsáveis, chegamos ao entendimento que cada uma fazia a sua vontade. Ok. Disse que não ia mais acontecer, mas em todo caso eu não podia mais meter. Então eu fiz com o aval da comunidade, um conselho a gente fez uma situação de contrária. Olha você é livre, mas a Igreja não é conivente com a situação, fizemos uma campanha, você escolhe ou você não pode ser da igreja, ou você pode escolher a fé, como se fosse uma coisa ao mesmo tempo, na mesma data numa situação dessa. E a comunidade foi bem empolgante, que foi percebendo que na verdade não poderia servir os dois, ou agir no descobrimento da fé, ou deveria se deixar levar pelo luxo, pelo prazer, por uma festa momentânea. Então fizemos essa mobilização, na cidade, que foi muito aceita, claro que teve os seus desafetos, não agradou a todos, mas foi marcante, as pessoas se conscientizaram que naquele momento o importante

era está rezando diante do ministério a ser celebrado, e não ir à festa (MENDES, 2018).

De acordo com os relatos do Pe. Ferdiran Fontes Mendes, a inauguração do local e principalmente a mudança do dia da festa fez com que questões como relações entre evento religioso e evento festivo como uma questão social. Ocorre que o discurso se desloca da teoria e é posto em prática quando a Igreja entra em conflito com os responsáveis pela Casa de Shows Emoções administrada por Francisco Geneval Gonçalves e esse embate paira sobre os cidadãos, dividindo a população. O conflito, que até então era apenas entre o Padre e o dono da casa noturna, e visto com naturalidade pelos cidadãos, tornou-se um problema social que acometeu a cidade.

Este ano, demonstrou um significativo embate no modo de agir e pensar dos santacruzenses, nos dias que perpassam a *Semana Santa* quando proposto por um organizador de um clube de festa, colocar apresentações de bandas na sexta-feira, conhecida na tradição católica como sexta-feira santa, causou comoção em toda a cidade, a Igreja reagiu duramente a isso, iniciando um processo que ficou conhecido como luto santo. A igreja declarou luto na cidade, afirmando haver a tentativa de matarem uma tradição religiosa.

Pe. Ferdiran Fontes Mendes relatou que a chegada dos carros com as bandas causava alvoroço nos moradores, caracterizando-se como símbolo adventício para modernizar a cidade. Na *Semana Santa* antecedente a inauguração, os espaços de sociabilidades na urbe eram limitados. De acordo com esse relato, verificou-se que as construções dos espaços de sociabilidade tiveram sua efervescência somente após o ano de 2010. Com a construção da Casa de Shows Emoções, a cidade passou por uma mudança significativa nos lugares de interações sociais. A chegada de um espaço festivo, proporcionou mudanças de hábitos, de se sociabilizarem e de se enxergarem enquanto sujeitos integrantes desse espaço. Com a construção e inauguração, assim como outros mecanismos, a televisão, os celulares, numa certa época chegou a urbe como fenômenos modernos, novidades e atrativos que modificaram expressivamente as relações de vivências com o outro e cotidianamente.

As representações festivas se formam como uma resistência a uma unificação transmitidas por discursos religiosos fundindo normatizações para as ações que devem ser feitas durante a *Semana Santa*, ocasionando um tipo de relacionamento conflituoso conflagrado entre os cidadãos, a administração pública e a Igreja. Em 2008, quando houve o início dessa tensão com a inauguração da Casa de Shows, e em 2009, que ocorreu a expansão desse embate com a mudança da data do dia da festa, ocasionou o crescimento das percepções desses percalços pelos cidadãos, e conseqüentemente discutidos. Esses discursos foram postos em prática e

debatidos nas missas, nas calçadas, nas ruas, nas praças, nos bares, e nos domicílios. A resistência religiosa utilizou da arte quando o Pe. Ferdiran Fontes Mendes o qual no ano residia na cidade, posicionou uma cortina preta na faixa do templo religioso católico, como movimento resistente a inauguração de uma local de festas que ocorreria na sexta-feira da semana, entendida pela religião católica e pelos fiéis como o principal dia da *Semana Santa* considerando que,

Deveria não acontecer, porque a gente vive esse momento de celebração litúrgica, de fé, acontecia sim algumas comunidades, as questões das festas, dos leilões, que eram até mesmo leiloados imagens de santos, mas algo que não era algo que pudesse dizer que acontecia sempre. Cada um ali fazia o que queria creio eu que as pessoas de Igreja não fazem isso. Mas muitos confundem o momento, por isso nas missas eu alertava sobre estes atos (MENDES, 2018).

Juntamente a diversidade de sujeitos, ações e visões, percebemos que as representações e significados da *Semana Santa*, foi adquirindo mudanças no decorrer do tempo. A *Semana Santa* tornou-se uma tradição religiosa, enraizada pela religião e pelas memórias, que concebe signos, rituais e regulamentos. Nesse caso, essa tradição perdura com menos intensidade nos cidadãos, ao passo que novos costumes vão surgindo, uma vez que, estes vivenciam um momento que a urbe passara por transformações. Nesse caso, fatores contribuem para um cenário cultural urbano de diferentes percepções, e sobretudo subjetivas própria de um lugar e de um tempo.

Desse modo, aplica-se aos diferentes fatores nesse cenário cultural, os estudos sobre a celebração da *Semana Santa*, pela a autora Mariana Elias Gomes (2008), na cidade de Mariana em Minas Gerais. Embora as suas teorias se apliquem as questões turísticas da cidade em estudo pela autora, alguns elementos nos permitem repensar sobre A *Semana Santa* na cidade de Santa Cruz do Piauí, e suas diferentes representatividades, que estão divididas em três momentos:

A celebração da semana santa, que é uma rememoração da vida de Jesus Cristo, obedece a três estratos intelectuais. O primeiro é o erudito, por meio dos rituais herdados da Idade Média, no interior dos templos católicos, muitas vezes celebrados em latim com requintes de expressões verbais e cenográficos, a exemplo do sermão de descendo da cruz; o lava-pés; o círio pascal e outras cerimônias. O segundo, de caráter popular, corresponde às encenações da paixão e morte de Cristo; a procissão de encontro e a procissão de enterro. O terceiro nível, o folclórico, está ligado ao rompimento das aleluias que pode ocorrer no sábado ou no domingo de Páscoa (MOURA, apud GOMES, 2008, p. 31).

O autor Antônio Moura, citado por Mariana Elias Gomes (2008), aponta que as celebrações da *Semana Santa* são divididas em três vieses: intelectuais, populares e folclóricos. Seguiremos essa linha metodológica em dividir nossas visões em três, no entanto em religiosa,

profana e dualística. A terceira entendida como a junção das duas citadas anteriormente. A urbe possui um sentimento religioso intenso, ou seja, é no primeiro viés da *Semana Santa* trazido pelos autores acima citados, que essa celebração se constitui no seu caráter tradicional, a qual ocorre as missas, os rituais eruditos, preceitos santos, a abdicação e a solidariedade. Outrora no segundo nível, as comemorações deslocam-se dos muros da Igreja e adentram as ruas da cidade, fazendo parte da urbe como um todo, de um caráter popular que de maneira direta ou indiretamente compreende o cotidiano de todos os cidadãos.

Por outro lado, o universo cultural santa-cruzense é composto por elementos, como a religião, a economia, a memória, os modos de agir e pensar social, que compõem o quebra-cabeça cultural da cidade e fazem e constroem as tramas urbanas. Esse evento torna-se um elemento folclórico quando é ressignificado pelos cidadãos, e é nesse momento que incluem as festas com bandas, bingos e bebedeiras. Desse modo, essa tradição religiosa, é percebida por os cidadãos como para além de um preceito santo da religião católica, como uma celebração cultural local, vivenciada e percebida pela população de acordo com seus próprios significados.

Ao analisar as diferentes representações é perceptível a união dos sujeitos pelo mesmo objetivo: a *Semana Santa*. Essa celebração religiosa reúne os fiéis em prol de uma mesma atividade: desenvolver esse evento religioso. As missas, as procissões, a Encenação da Paixão de Cristo, todas essas tradições são percebidas e vivenciadas pelos moradores de Santa Cruz do Piauí.

A *Semana Santa* faz parte da história cultural da cidade, tornando-se um patrimônio imaterial, representado e ressignificado pelos cidadãos. Essas concepções subjetivas, subdivididas nos vieses coletivo e individual, como por exemplo as práticas religiosas, de cunho cristão, promovidas pela Igreja e seus peregrinos. A ressignificação dos lugares da cidade para práticas divergentes. Como por exemplo, as ruas, as praças, as calçadas, os bares, há um aumento considerável do fluxo de pessoas nesses espaços. Essas diferentes maneiras de viver a *Semana Santa* se constroem a partir das diferentes representações que esse evento possui para os cidadãos.

A cidade apresenta um leque de representações imersas no período da *Semana Santa*, que, conforme os discursos cidadãos analisados nas entrevistas, na *Semana Santa* esses signos representativos, unem o sagrado e o profano, a memória coletiva e individual, o público e o privado. Esse evento tradicional é elemento de interpretações da comunidade, que recriam momentos e modo de vida a sua própria identidade. Assim, a intensificação desse evento ocorre a partir do momento que fazem parte do cotidiano cidadão.

O contexto social que paira sobre a *Semana Santa* é percebido através das visões dos cidadãos, das memórias e das práticas. Além disso, adiciona-se os discursos que são perpetuados pelos santa-cruzenses, sobretudo, quando há divergências elementares sobre a *Semana Santa* nos cidadãos, como foi apontado anteriormente, percebido principalmente entre a Igreja e a Casa de Shows Emoções. Une-se a esse cenário uma série de discursos e representações nos cidadãos, duas instâncias que influenciam significativamente na construção e desenvolvimento das sociabilidades que ocorrem durante essa semana, bem como a realização de uma das principais formas de interação social, que é os festejos católicos da *Semana Santa*.

2.3 “Mãos à obra” o desenvolvimento dos festejos católicos da *Semana Santa*

A *Semana Santa* presente no calendário litúrgico⁷, ocorre extensivamente em todos os lugares, ou seja, um evento mundial da religião católica. A tradicional Quaresma⁸, antecede a semana, que os fiéis católicos celebram o momento de fé, devoção e penitência, pois celebram a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Desse modo, o evento é realizado em todas as cidades em que o catolicismo é vivenciado por parte de seus habitantes.

Mas vale ressaltar que a proposta é abordar esse evento não como celebração de modo geral do catolicismo, e sim como um evento religioso católico articulado ao espaço urbano abordado. Assim, quando pensamos em *Semana Santa*, além do cenário de religiosidade, abrange uma manifestação atrativa, e ressignificada pelas representações e sociabilidades que ocorrem na cidade de Santa Cruz do Piauí. Uma vez que incorporam esses festejos como fenômeno que modificam as práticas da urbe e o cotidiano dos cidadãos.

O IBGE no ano de 2010, realizou uma pesquisa sobre a população residente por religião. Os dados alcançados foram que dos 6.027 moradores que residem na cidade, 5.548 são ou se consideraram católicos, 377 evangélicos e 15 espíritas. Conforme a pesquisa, mais de 5.000 pessoas se intitulam como católicas, ou seja, mais da metade da população, de modo que os festejos católicos da *Semana Santa* recebem um considerável número de pessoas, pois as celebrações fazem parte de um período de grande significação para a comunidade católica. Verifica-se no depoimento da cidadina Samara Maria de Araújo Pacheco um forte sentimentalismo e dedicação cristã voltado para a *Semana Santa* quando ela menciona que,

⁷ Calendário Litúrgico é o calendário de cerimônias, festas e solenidades de qualquer religião. Na Igreja Católica, a liturgia é o culto divino, o anúncio do Evangelho e a caridade ativa.

⁸ É a designação do período de quarenta dias que antecedem a principal celebração do cristianismo: a Páscoa, a ressurreição de Jesus Cristo, que é comemorada no domingo. Os quarenta dias que antecedem a *Semana Santa*, que para a igreja representa os quarenta dias que Jesus passou no deserto.

A semana santa é um período de penitência, de oração, de gratidão a Jesus pela vida, significa aquele momento que a gente tem que se dedicar a Deus e somente a ele. O momento que devemos esquecer as coisas mundanas, e agradecer pelo o verdadeiro significado da vida. Pelo o dom da salvação, e aceitar que somos seres pecadores que viemos de um ser superior, que se entregou por nós. Ou seja, um momento de devoção que você deve se doar inteiramente pra Jesus. A maior parte dos jovens estão se desvinculando do verdadeiro sentido da semana santa. Estão passando a levar a semana santa, não como um período santo, mas estão passando a levar a semana santa como se fosse um feriado. Ou seja, na semana santa já é tradição ter festa, sendo que o correto seria não ter nada. Por isso acho que as coisas se distanciam do sentido real (PACHECO, 2019).

De acordo com as reminiscências de memórias da cidadina acima, manifesta uma reflexão acerca da pesquisa do IBGE (2010), quando o olhar se direciona as práticas divergentes entre os cidadãos nesse evento. Nos relatos da entrevistada, é notável sua autenticidade ao período, embasada nos dogmas católicos. Por outro lado, há um questionamento e descontentando na fala da mesma, quando menciona que parte significativa dos jovens se desvincularam dos ensinamentos sagrados.

Nesse levantamento, compreende-se uma situação não somente as referências católicas, mas a um discurso popular que se instituem parte de uma religião, sem seguirem os preceitos sagrados. Assim, essas perspectivas acentuam que sujeitos que se consideram católicos, como exemplo alguns jovens apontados pela cidadina, não seguem precisamente as tradições e dogmas religiosos e que repetidamente emaranham o período a um feriado. Mas cabe o apontamento, embora haja esse cenário divergindo a teoria da prática, o evento religioso afeta direto ou indiretamente toda a urbe, seja com significado católica de cunho religioso, ou feriado de cunho popular.

A programação da *Semana Santa* é geral, segue toda uma tradição da fé católica: inicia-se com a sexta-feira de passos, em seguida vem a segunda, terça, quarta e quinta e a sexta santa, o sábado santo e o domingo de Páscoa. A tradicional semana católica, conta apenas com a Sexta-feira como feriado nacional, que de acordo com as tradicionalidades católicas, neste dia é o momento em que deve haver o jejum e a abstinência dos fiéis.

Em Santa Cruz do Piauí, além de seguir a programação tradicional, a urbe possui algumas particularidades acerca desse período. Neste caso, durante essa semana há todo um processo de preparação e específica programação para este evento religioso. No dia inicial dessa semana, a sexta-feira de passos é iniciada às 17 horas, quando ocorre uma procissão em direção à Igreja Matriz. Com as três imagens: Nossa Senhora das Dores, A cruz do Bom Jesus dos Passos, e o Bom Jesus dos Passos. A primeira imagem sai da Cohab, a segunda sai do Morro

da Paz, e a terceira da Vila Machado. O ponto de encontro dessas três imagens ocorre na Praça Clementino Martins e todos partem em direção a Igreja. Conforme nos explica o depoente Padre Ferdiran Fontes Mendes:

Quando eu cheguei lá, como era uma cidade que não vivia padre constantemente, a gente começou a se interagir com as pessoas todas da comunidade e seu trabalho, para dinamizar, porque claro o padre não vai fazer a coisa só. Acredito muito que cada ano que se passava, mais ia aumentando o desejo das pessoas, porque era algo que necessitava da presença e o pessoal com essa consciência de que quero presente está para bem. Até um momento de crescimento da comunidade naquele tempo. O processo cada dia a gente se interessava em apresentar mais pessoas, e se dedicavam a servir. Isso crianças, famílias, casais, jovens, diversas pessoas. Como a cidade não é grande, a gente queria, a minha ideia era fazer com que todas as pessoas pudessem participar, e ao invés de todo mundo ir à Igreja, a gente ia pra ruas, e fazia tudo isso, a partir de que começa em determinado momento na rua, e chegava caminhando até a Igreja. Começava a celebração da igreja sacra, que a sexta-feira da paixão. No espaço da rua, para que as pessoas pudessem sair de suas casas, e pudessem estarem presentes. (MENDES, 2018).

Pe. Ferdiran Fontes Mendes, chegou à cidade de Santa Cruz do Piauí no ano de 2003, e sua estadia prolongou-se até o ano de 2010. Na tentativa de englobar toda a comunidade, praticava seu ofício não apenas na Igreja, mas nas próprias casas dos moradores da cidade. Durante o período da *Semana Santa* na Segunda-Feira Santa, Ferdiran Fontes Mendes e os ministros visitavam os doentes na parte do dia e à noite ocorria a celebração da Via Sacra e da missa. Na terça-feira seguiam o mesmo roteiro da segunda. Já na quarta-feira, na parte do dia, havia a sagrada unção na missa dos idosos e doentes na Igreja Matriz e às 16h acontecia a Via Sacra pelas ruas da cidade. Na quinta-feira, ocorria a missa do Crisma e a renovação das promessas sacerdotais, na catedral na cidade de Picos-PI. Ao anoitecer, ocorria a celebração da ceia e dos lava-pés na Igreja Matriz. Havia uma divisão de grupos sociais em específicos horários, às 20h era para as crianças e os adolescentes, às 21h para educadores, comerciantes, idosos, apostolados e ministros. Às 22h, namorados, jovens casais (Pastoral da Juventude). E às 23h, o povo em geral. Assim como discute Mariana Elias Gomes, os eventos religiosos reúnem vários fiéis em prol de uma mesma festividade:

Uma festividade religiosa popular é, geralmente, um momento onde os sujeitos se misturam e convivem por um mesmo objetivo. É também quando várias ações são ritualizadas, numa mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, dançar, torcer, cantar, orar (GOMES, 2008, p. 52).

De acordo com Mariana Gomes (2008) o caráter religioso floresce o coletivo urbano. Unindo sujeitos e/ou grupos distintos, mas que compõem uma mesma religião a realizarem juntos o desenvolvimento de uma festividade religiosa.

Na sexta-feira santa, é o dia do jejum e da abstinência, onde ocorre a solene ação litúrgica da Paixão da morte e Nosso Senhor Jesus Cristo. No sábado a Igreja rememora o sepulcro do senhor no silêncio. Às 22h da noite, há uma vigília pascoal, onde é proposto em que todos trazerem uma vasilha, com água para benzer e uma vela para a Renovação das Promessas. E por fim, no domingo de Páscoa encerra com a missa na Igreja Matriz.



Figura 05: Missa e procissão de ramos em Santa Cruz do Piauí (2016).
Fonte: Acervo da paróquia Senhora Sant' Ana.

A imagem acima (figura 05) retrata fragmentos da missa e da procissão de ramos, uma tradição religiosa que ocorre durante a *Semana Santa*, no domingo de ramos. A procissão inicia na entrada da cidade, em frente ao cemitério municipal. Nesse local os fiéis se reúnem para seguirem juntos na procissão, onde percorre a Rua Né Aristarco, principal da urbe, carregando os rameiros. Esse evento religioso, desenvolve sentimentos, hábitos, costumes, e ocupa espaços de sociabilidades.

Na referida época, se desenvolveu a procissão de ramos, onde os fiéis se deslocam do começo da urbe até a Igreja. Esse período comporta o sistema religioso desenvolvido na cidade, mas não se encerra apenas na religião católica. Como podemos discutir com Guilherme Guimarães Leonel (2010), em seu artigo “Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos”, entendemos que a festividade religiosa exerce uma influência considerável em determinados grupos desses

espaços, bem como os da comunidade católica, todo o universo social da urbe e cotidiano dos cidadãos são modificados devido a esse festejo religioso pois,

Tais festejos, mesmo que religiosos, envolviam uma série de atividades simultâneas, capazes de engendrar uma robusta economia sazonal: barraquinhas, feiras, danças, música, peças teatrais, fogos de artifício, enfim, um grande espetáculo que modificava radicalmente a quase sempre monótona paisagem urbana, inclusive em termos populacionais. Nesse percurso histórico, mesmo dada a grande influência da ação catequizadora cristã, consagrou-se uma religiosidade pouco atenta ao sentido íntimo das cerimônias institucionais. Ao contrário, a religiosidade que daí surgiu foi marcada por sua exterioridade e pela diluição de fronteiras entre o sagrado e o profano, o público e o privado, mais orientada para o concreto e para o mundano do que para abstrações de cunho institucional (LEONEL, 2010, p. 6).

A partir das reflexões teóricas pensadas por Guilherme Leonel, embora a *Semana Santa* seja uma tradição religiosa católica, esse fenômeno é capaz de desenvolver outras tantas atividades na urbe, inclusive o aumento populacional. O cotidiano dos cidadãos é moldado tanto na vida coletiva, como na vida privada. Práticas rotineiras ganham novos significados, articulando-se, ao comércio, as festas e as práticas alimentares.

2.4 Práticas alimentares e a passagem do tempo

O cotidiano e seus cenários, como acentua Michel de Certeau (2008), percorrem os espaços públicos e privados, constituídos pelas suas realizações. Nessa perspectiva, é possível pensarmos o cotidiano acerca de algumas estruturas de manifestações dos sujeitos nos seus hábitos rotineiros. Essas estruturas, se fragmentam em duas condições, a pública e a privada, ou seja, a realização das ações em espaços conceituados a esses meios condicionais. Santa Cruz do Piauí se adentra nestes, uma vez que as relações dos moradores da cidade, possibilita perceber nessas interações e vivências o espaço público permeado pelo o ato de morar e o privado no ato de cozinhar.

Desde os primórdios, quando a humanidade passou a possuir um lugar fixo para habitar, e conseqüentemente morarem e constituírem famílias, desenvolveram práticas culinárias, e essas se encontram presentes cotidianamente numa sociedade. Dessa maneira, ao mesclarmos essas condutas alimentícias aos meios condicionais já citados anteriormente, a cidade pode ser subtendida em duas instâncias, sendo elas pública e privada. As moradias, as lojas, os comércios se constituem como espaços privados, enquanto as ruas e as praças se constituem como espaços públicos.

Nesse processo, adentram-se as cozinhas que se encontram nas casas, pré-estabelecido como espaço particular da mesma, ou seja, do proprietário. A ação desenvolvida nesse ambiente, especialmente aqui trabalhado, o ato de cozinhar, torna-se uma realização íntima individual ou em grupo. Uma vez que incorporamos também essas práticas nos momentos da alimentação que se desenrolam para a mesa, se constituindo como uma prática em conjunto.

De acordo com Pierre Mayol (1996), a escolha do bairro, decorrendo do ato de morar parte por uma ocorrência de uma “encenação da vida cotidiana”, onde há a junção do espaço público e do espaço privado no mesmo território. No entanto, os sujeitos inseridos nesses lugares, constroem táticas que configuram a separação desse espaço em determinados momentos. Nesse sentido, a “encenação da vida cotidiana” também pode-se desenvolver nos hábitos alimentares. Nesse caso especificamente, hábitos que ocorrem durante o período da *Semana Santa*.

O panorama de mudanças que ocorreram/ocorrem nos hábitos alimentares. Assim como salienta Samara Mendes de Araújo (2015), sobre essas transformações, a qual ela se direciona como a cultura sertaneja. Por outro lado, a autora também enfatiza o processo de permanências oriundas dos hábitos e costumes do campo. Alguns desses hábitos nos permitem pensar a *Semana Santa* como mecanismo de resgate ou como fenômeno que desenvolve formas de sociabilidades ligadas a um controle social.

A depoente Maria Josefa de Moura Santos, pontua que durante a semana, os almoços são subdivididos. Que ocorre da seguinte forma: a sua família por ser uma família grande, nos relatou que quando ela vem de Teresina e de outras cidades, junta-se ao grupo familiar da sua irmã, dos irmãos de modos que todos esses grupos familiares fazem parte de uma mesma família. Ocorre a divisão dos dias, onde cada dia é feito o almoço para todos na casa de um, depois na casa de outro, e assim sucessivamente. Nessas práticas sucede o que Samara Araújo (2015), aponta como manutenção da centralidade do grupo familiar e a forma de união, ou seja, quando estes se juntam para almoçarem juntos, no mesmo lugar, no mesmo horário, ocorre essa centralidade do grupo proporcionado pela cultura alimentar.

Outro fenômeno que Samara Mendes de Araújo manifesta, é a permanência de tradições alimentares, com base na carne vermelha. Nesse caso, há uma espécie de controle social imposto por uma tradicionalidade católica de não comerem carne durante a semana. De acordo com a autora, desenrola-se por conta de um significado cultural, histórico e alimentar. E sofreu adaptações as contingências socioculturais, ou seja, ligadas a um tempo, a um período, a um espaço, que presentemente exerce formas de controle que barram a utilização da carne.

Nessa perspectiva, a prática culinária passa também por um processo de normatização. Conforme os preceitos da Igreja católica, a *Semana Santa* é momento de oração, reflexão e de abdições, essas dizem respeito, com maior destaque, às práticas alimentares. A carne é o principal alimento que deve ser excluído da mesa durante esses dias. Analisar as práticas alimentares permite compreender o cotidiano de um determinado grupo social (CERTEAU, 2008). Em diálogo com Paulo Souto Maior Júnior (2012) a discussão caracteriza considerações certeuniana, do ser ou não comestível, misturas de ingredientes, formas distintas de preparo das receitas, bons modos à mesa e privações alimentares provisórias (JÚNIOR, 2012). Dessa maneira, as privações alimentares provisórias decorrem dos preceitos religiosos católicos, que construíram no período da *Semana Santa*, tradicionalidades de abdicar de alguns ingredientes, e conseqüentemente, com a exclusão desses produtos, se adaptarem com novos preparos de receitas.

As práticas alimentares surgem em decorrência do discurso oficial da igreja. Embora estas condutas estejam ligadas a uma tradição construída pela religião católica, há uma forte demarcação de poder através dos discursos utilizados na urbe, sobretudo por uma questão de tradição da Igreja, mas com segmentos locais, segundo nos explica Pe. Ferdiran Fontes Mendes:

Acredito eu, que isso é devido a questão de tradição da Igreja, o povo da igreja faz essa fundamentação por questão de aprender a renunciar as vontades para perceber que nós não somos donos de tudo e de todos. A gente aprendendo a renunciar a gente é capaz de perceber que nós somos livres, para fazer não só aquilo que a gente quer, mas para fazer aquilo que a gente não quer, eu faço a opção por isso, em detrimento disso. E assim vai se concretizando a caminhada de aprender a renunciar aos nossos desejos, as nossas vontades, as nossas paixões, para poder perceber algo maior do que simplesmente a nossa vontade. Por isso tem a questão de não comer carne, de abdicar, renunciar dessa vontade. A carne não é o único produto que deve ser abdicado, cada um escolhe o que deve abdicar, mas a carne ao longo do tempo já foi tornando tradição, por isso que colocam as aboboras no lugar da carne, fazem os quibebes, aí deve aumentar mesmo as vendas nesse tempo (MENDES, 2018).

Como pontua o depoente Pe. Ferdiran Fontes Mendes, a carne foi sendo um produto de abdição instituído por discursos religiosos no decorrer do tempo. O entrevistado informou que ouvia estórias que circulavam no imaginário citadino, no que se tratava da abdição da carne. Nessas estórias a igreja utilizava desse discurso para nesse período praticar a venda de peixes, e desse modo, através do discurso religioso enfatizando que os fiéis não podiam comer carne, assim optavam pela compra dos peixes no comércio exercido diretamente pela Igreja Católica, dando lucros para a Igreja.

Pe. Ferdiran Fontes Mendes quando na entrevista dialoga sobre o imaginário citadino, enfatiza que os ensinamentos bíblicos apenas apontam que no período da Quaresma, deve haver abdição por parte dos fiéis que vivenciam a prática religiosa, o produto da carne especificamente, configurou-se como o principal alimento a ser destituído da alimentação em meio a discursos passados através de gerações. Essa tradição alimentar não se contempla do mesmo modo em todos os citadinos, até mesmo entre os próprios católicos. E um desses fatores é o processo de secularização que ocorre com a dessacralização da contemporaneidade e ao passar do tempo essas práticas exauriram. Na entrevista da Dona Maria Josefa de Moura Santos, através de suas reminiscências da memória relatou que teve que se adaptar aos moldes atuais e declarou um pouco de como foi essa adaptação:

Não comia carne na semana santa, na semana santa não comia carne não, era arroz, feijão, coisa de roça, abóbora, essas coisas, leite. Nós plantava (sic) no inverno, era muita coisa. Muita galinha, muito porco, já deixava os bichos separados para matar quando chegasse a semana. A galinha a gente matava na semana santa, no dia da quarta-feira, para receber as visitas, porque depois pegar em faca só quando passasse o sábado de aleluia. Não podia mais nem pegar nas facas, tinha gente que passava era a semana sem banhar, era os costumes de antigamente. Aqui mesmo na semana santa, a família toda vem e faz churrasco nas calçadas, uns não come carne, mas outros comem. Eu não como, mas quem quiser comer (risos). Antigamente eu brigava, mas já me acostumei (SANTOS, 2018).

A depoente Maria Josefa de Moura Santos acentua que o costume de não comer carne na *Semana Santa* era praticado frequentemente, mas ao passar do tempo foi se reduzindo. Correspondente a esse depoimento, o hábito é intenso entre os mais velhos, e ao passo que estes vão falecendo e uma nova geração nascendo, esse hábito perde intensidade. A mesma acredita que os jovens, por não serem habituados a se alimentar em grupo, na mesa com as famílias e estarem vivenciando outras realidades, com outros costumes, esse hábito vai sendo moldado. Conseqüentemente, para a entrevistada inicialmente quando se percebeu nessa realidade, veio o choque com as novas ressignificações alimentares, entretanto, procurou não criticar os novos hábitos, mas manteve para si o costume de não comer carne na *Semana Santa*.

Os hábitos alimentares permitem compreender uma parte da cultura de Santa Cruz do Piauí, essa realização se constitui não somente nas comidas ou no preparo, mas também a cultura culinária, ou seja, quais os alimentos são preparado e estão presentes nas mesas. A semana, também interfere nos horários que essas ações são realizadas. Na urbe, os dias de feiras ocorrem nas segundas-feiras, todavia, durante o período da *Semana Santa*, os dias de vendas se estendem, e podem ser encontrados quase em todos os dias da semana, algumas barracas de

legumes, frutas, sobretudo, de abóboras. Pois, em consequência do fluxo de pessoas, e dessa maneira, mais pessoas nas casas domiciliares, a demanda pela comida é maior.

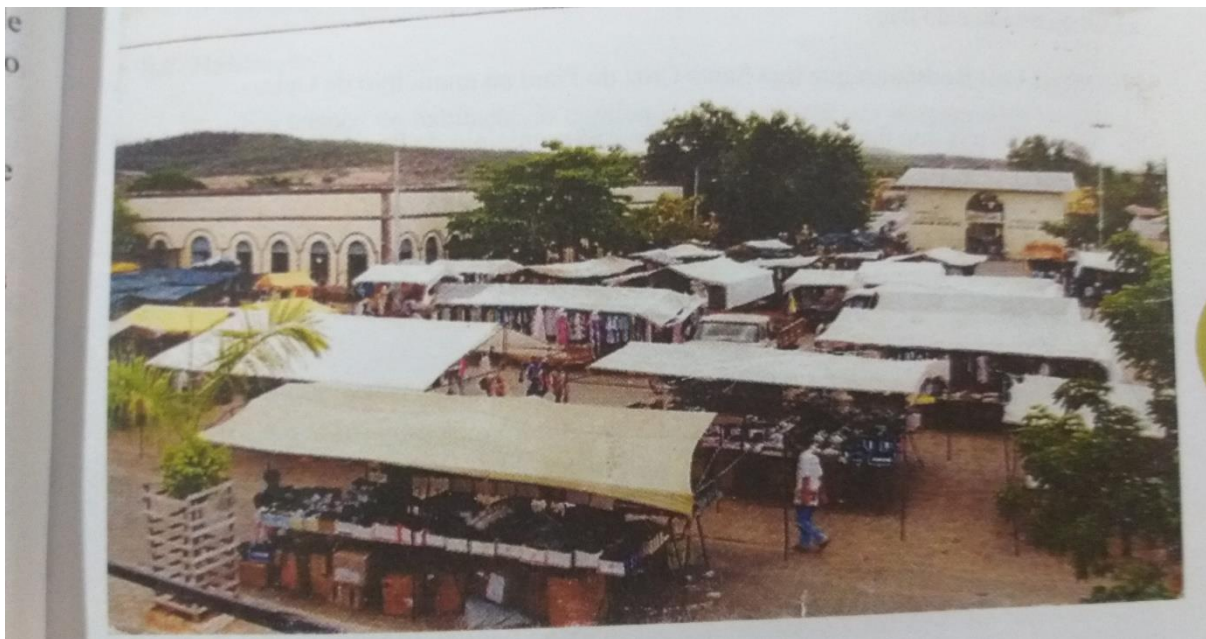


Figura 05: Quadro da feira em Santa Cruz do Piauí.
Fonte: SOUSA, 2014. p.29.

A imagem acima (figura 05) mostra o quadro de feira na urbe no dia de segunda-feira. Nos outros dias da semana, a quantidade de barracas diminui, mas no período da *Semana Santa* como já foi mencionado, algumas barracas continuam ocupando esse espaço, exceto na sexta-feira. Maria Josefa de Moura Santos, ao recordar desses dias, nos relatou que na feira fica muito tumultuado, o movimento aumenta consideravelmente dos outros dias que não fazem parte dessa semana, e devido a isso a necessidade de acordar mais cedo para chegar ao local antes e encontrar os melhores produtos. De modo que, percebemos que assim como a *Semana Santa*, as práticas alimentares modificam o cotidiano dos cidadãos também no horário de iniciar as atividades diárias.

Além das bancas de feiras, outros espaços com o aumento da movimentação, são o mercado central e o açougue. Além dos produtos vegetais, as mesas presenteiam outros mantimentos, como massas, arroz, feijão e sardinhas. Essas compras são feitas nos mercados e nos comércios. Outros produtos bastante utilizados são o peixe e a carne. No período da semana, muitas famílias fazem churrasco em suas casas ou nos bares.

As práticas de reunirem-se para cozinhar ou degustar a comida não é o único fenômeno que se intensifica na *Semana Santa*. A ocasião proporciona uma mudança nos produtos cozidos, consequentemente nas compras, nas idas ao comércio, interpondo diretamente na economia da cidade em questão.

Assim, como o cenário das práticas alimentares manifestada em Santa Cruz do Piauí, os alimentos tornam-se signos de leituras do âmbito social e cultural da cidade. Faz-se oportuno ressaltar que no percurso temporal as práticas alimentares transmudaram, bem como o modo de alimentar-se. O costume tradicional, era todos sentar-se à mesa, almoçarem ou jantarem em conjunto no mesmo horário. A interação nesse hábito alimentício foi ressignificado e diminuindo gradativamente nos espaços domiciliares.

As vinculações com o meio rural e o passado agropastoril, fazem do cenário piauiense um local ímpar quanto a preservação das tradições culturais sertanejas ainda que seja em meio urbano, mesclando-se e adaptando-se estas tradições originárias do campo ao espaço da cidade (ARAÚJO, 2009). Situação essa que se direciona aos costumes urbanos, esses são oriundos do que Samara Mendes de Araújo (2009) estabelece como *ethos* rural, a autora analisa os hábitos e costumes que permanecem nas cidades piauienses, como as práticas alimentares no hábito da família fazer as refeições no mesmo horário e todos juntos à mesa. De modo que, a partir da referida celebração religiosa, a qual ela surge como um fenômeno de resgate da manifestação dessa cultura alimentar.

A partir das indicações de Michel de Certeau (2008) que indaga as questões de apartamento das práticas de sociabilidades na alimentação, anualmente nesse período as famílias se reúnem às mesas no mesmo horário. As reuniões familiares são expressivas e a alimentação em conjunto se intensifica, recorrendo a um resgate de um hábito escasso pois,

Deste modo, aos poucos se foi construindo um afastamento controlado e controlável de nossos lugares e de nossas práticas de vida, a fim de podermos espantar-nos com eles, interrogá-los e depois dar-lhes sentido e forma em uma espécie de “nova criação” conceitual. (CERTEAU, 2008, p. 23).

De acordo com Michel de Certeau, aos poucos o afastamento de práticas cotidianas foram surgindo, desenvolvendo uma espécie de muro social entre essas relações de sociabilidades, especificamente nos ambientes privados. Ao nortearmos a trama social da referida urbe, que giram em torno do período da *Semana Santa*, partimos nas perspectivas de análise certeuniana que aborda o cotidiano, dividida em duas práticas: morar e cozinhar, o público e o privado, respectivamente.

É no cotidiano santa-cruzense que as práticas alimentares estão emergidas configurando caminhos da cultura alimentar. Assim, sejam comuns durante a *Semana Santa* também em outras cidades, há um cenário de uma cultura identitária desse lugar em razão das práticas alimentícias, pois essas transcendem a cozinha, a mesa, as casas e se adentram ao cenário

incorporado de costumes da urbe. De modo que esses se introduzem no cotidiano, nos espaços da feira, nos mercados, nos bares, nas ruas, e na cidade como um todo.

A cidade muda de configuração, novas vendas, novas movimentações comerciais, com os produtos de abóboras e peixes. Os vendedores dessas especiarias se preparam o ano todo para esse período, para intensificar a venda e aumentar o lucro. Os demais cidadãos se preparam com antecedência nas compras dos produtos que serão utilizados na alimentação. O centro da urbe é o local que se desenvolve as vendas, todavia vendedores transitam pela cidade anunciando as suas mercadorias como estratégia para aumentar as vendas. Na sexta-feira santa, o centro da cidade é esvaziado em prol de uma prática dos festejos católicos da *Semana Santa*: a Encenação da paixão de Cristo.

Os hábitos alimentares durante a *Semana Santa*, também passam por alterações nos horários. As refeições durante a semana, se perpetua com o jejum até meio dia. Meio dia em ponto há uma oração agradecendo pelo alimento, em seguida o almoço, tendo outra refeição somente às 18h, onde repetem o mesmo processo feito no almoço e não podem comer entre as refeições nem após o jantar, para não “quebrarem o jejum”, isso feito principalmente pelos idosos ou pelos sujeitos que procuram manter essa tradição.

A passagem do tempo deixa marcas no espaço urbano, redefinindo as práticas e pensamentos que compõem o seu campo social. São essas configurações, que constituem as tramas sociais urbanas a um novo cenário em consonância com o tempo, espaço e seus sujeitos. Os fios que tecem a *Semana Santa* se desdobram por caminhos que englobam a história da alimentação e da família, e da vida privada. Essa designação social, da construção da união de sujeitos a uma só moradia, âmbito de relação denominado familiar, que constituem uma dimensão dos hábitos alimentares. Para tanto, o evento da *Semana Santa* constitui como um evento que modifica e possibilita mudanças nos hábitos e costumes, bem como nas ressignificações alimentares que fazem parte da culinária local.

2.5 A arte pede passagem, a rua como palco teatral

No evento religioso da *Semana Santa*, no sexto dia da semana, conhecido como sexta-feira santa, ocorre a tradicional Encenação teatral da Paixão de Jesus Cristo. Essa prática perdura por quase duas décadas, essa apresentação artística, religiosa e cultural. A encenação sobre um discurso e prática católica, configurou-se como uma tradição religiosa tendo-se

enraizado como uma manifestação que associa o espaço urbano a essa apresentação que ocorre anualmente na sexta-feira santa. De acordo com a depoente Samara Maria de Araújo Pacheco:

A preparação, a gente escolhe os jovens dentro da pastoral da juventude mesmo, os ensaios ocorrem normalmente após a missa. E a gente ensaia na rua da Igreja, na praça da Igreja, as peças de roupas são dadas pela Igreja, alguma já tem lá e outras a gente manda fazer, no caso das mulheres. As dos soldados a gente mesmo confecciona, tanto as roupas, como os sapatos, as espadas e o brasão, os escudos, tudo é feito pela gente mesmo, com papelão e essas coisas, assim como o cenário, também é feito pelos jovens (PACHECO, 2019).

A apresentação é desenvolvida com a colaboração da comunidade religiosa católica ao todo, especialmente os jovens como já foi dito. Os tapetes, os figurinos, todos os materiais utilizados são adquiridos de maneira voluntária, a peça não usufrui de patrocínio público e nem privado, cada integrante possui uma função e este se dispõe para conseguir o que for necessário para sua atuação. A apresentação perpassa a rua principal, dirigindo-se ao centro comercial e finalizando na Igreja Matriz católica.

Ao incorporar a rua como lugar de realização da peça teatral, assim como Ana Fani Alessandri Carlos (2007), propomos trabalhar a rua como um espaço que é apropriado por diferentes pessoas, para diversos usos. De modo que a autora aborda a espacialidade das ruas da metrópole paulista para pensar essas aplicabilidades que as pessoas dão para essas estruturas. Na rua se tornam claras as formas de apropriação do lugar e da cidade, e é aí que afloram as diferenças e as contradições que permeiam a vida cotidiana, bem como as tendências de homogeneização e normatização impostas pelas estratégias do poder que subordina o social (CARLOS, 2007). A rua se desenvolve como espaço que se constituem tipos de relações sociais, pensadas sobre uma função e um tempo, que desdobram momentos, que revelam nas ações e pensamentos as diferenças ou a coletividade.

A encenação é produzida por diferentes pessoas que estão introduzidas em um só grupo, o grupo da PJ e/ou comunidade católica. Nesse cenário há a movimentação, de interação, conversas, criações, participações de várias pessoas em prol de uma só atividade. Os sujeitos que produzem essa arte, podem ser os atores e também o público alvo.



Figura 06: Encenação da Paixão de Cristo 1ª cena, em Santa Cruz do Piauí na Rua Né Aristarco (2014).
Fonte: Acervo da Paróquia Senhora Sant'Ana.

A imagem acima (Figura 06) pontua a 1ª cena e o local que inicia a apresentação. Os cidadãos se locomovem até o local da peça às 16h para assistirem à encenação. A peça tem início onde se localiza um posto de combustível Nossa Senhora da Vitória. De acordo com o roteiro da Paróquia, na cena 1 realiza-se o momento em que o ator que representa o personagem de Jesus é condenado à morte. Essa passagem espacial se localiza na encruzilhada entre o posto de gasolina citado acima. As ruas são demarcadas com cones, com o objetivo de impedir o tráfego de transportes.

Verifica-se a rua como estrutura apropriada pelos fiéis católicos de acordo com suas atividades. Considerando que, com a análise do roteiro da peça, que menciona o posto de combustível como a localização inicial da apresentação, isso de certa forma, interfere na sua função. Uma vez que, com a peça o posto deixa momentaneamente de ser um estabelecimento comercial e passa a fazer parte, assim como a rua, de um dos cenários da encenação. Assim, a Encenação teatral da Paixão de Jesus Cristo junto ao público, vai passando por esses espaços, e ressignificando a rua e estabelecimentos, como seu cenário.



Figura 07: Encenação da Paixão de Cristo 2º cena, em Santa Cruz do Piauí na Rua Né Aristarco (2014).
Fonte: Acervo da Paróquia Senhora Sant'Ana.

Ao se analisar a imagem (figura 07), percebe-se a apresentação teatral da Paixão de Cristo em um dos seus momentos. Na figura acima, observamos a ocupação da rua, como local de passagem por onde o referido personagem de *Jesus* realiza seu trajeto, acompanhado dos guardas, e dos demais integrantes da peça. Assim tomando como parte o roteiro teatral, a peça é dividida em estações, totalizando sete paradas até o ponto final.

Os locais de vendas da cidade, ao momento da apresentação da festa, estão em sua maioria fechados. A escolha do dia da peça parte também por essa necessidade, que os locais encerrem suas atividades para que a rua seja palco da encenação. Ocorre no dia da sexta-feira por ser feriado nacional, a estratégica nessa escolha objetiva adaptar a rua a apresentação, que necessita dos fechamentos dos locais e da moderada movimentação.

Partindo dessa perspectiva, a estratégia religiosa, se desdobra ao passo em que a peça acontece no feriado da semana e, embora a sociedade santa-cruzense não seja toda católica, a ocupação do espaço da rua, é uma homogeneização religiosa que impõem normas que impedem a passagem de outros sujeitos ou o desenvolvimento de outras ações distintas, e que, percebemos através dos relatos do depoente Padre Ferdiran Fontes Mendes, que não é necessário uma autorização formal da prefeitura, a petição do espaço ocorre apenas com um comunicado de que naquele dia, naquele horário a peça será desenvolvida.



Figura 08: Encenação da Paixão de Cristo 3ª cena, em Santa Cruz do Piauí na Rua Né Aristarco (2014).
Fonte: Acervo da Paróquia Senhora Sant'Ana.

Ao examinar a imagem (Figura 08), pode-se inferir que as casas se tornam cenário da apresentação teatral. Os espaços da rua são ressignificados e transformados em parte do cenário artístico. Esse local é uma casa pertencente a cidadina Deyse Leal, nesse momento a rua e as casas dos cidadãos são adaptados à encenação. Partes das ruas são moldadas para as funções teatrais, para a realização da dramatização dos atores, e o acompanhamento do público. A influência da arte, é desenvolvida por fiéis demarcando os territórios públicos para a realização da apresentação.



Figura 09: Encenação da Paixão de Cristo 4ª cena, em Santa Cruz do Piauí na Rua Né Aristarco (2014).
Fonte: Acervo da Paróquia Senhora Sant'Ana.

De acordo com o roteiro, essa cena retrata o momento em que os soldados e a multidão conduzem Jesus ao local que ele será posto para carregar o cruzeiro. Na rua, estão instaladas casas, bares, lojas. Concedendo pistas para compreender a história da cidade a partir da sua arquitetura. Na cidade permanecem o modelo de estabelecimentos construídos na década de 1980, e apesar das reformas, mantém o modelo inicial, assim como o templo religioso católico. A maioria dos estabelecimentos são comportados por um cômodo, ocasionando esse tipo de fileirinhas. A maiores mudanças e transformações arquitetônicas são percebidas nas casas domiciliares.



Figura 10: Encenação da Paixão de Cristo 5ª cena, em Santa Cruz do Piauí na Rua Né Aristarco (2014).
Fonte: Acervo da Paróquia Senhora Sant'Ana.

No perímetro central do espaço urbano, onde se realiza semanalmente a feira local, são removidas as barracas de vendas de abóbora, peixes, frutas e legumes disponibilizando o espaço para a encenação. O local torna-se centro da dramatização da morte de Cristo, retratado na imagem (figura 10). A peça teatral demarca os territórios da urbe para o desenvolvimento da apresentação. As calçadas tornam-se arquibancadas e as pessoas tornam-se plateias. Há ainda aqueles que acompanham a encenação até o final tornando-se coadjuvantes da apresentação, sujeitos comuns que agora são ressignificados aos atores que representam a multidão que acompanhava o carregamento de Jesus. Os estabelecimentos comerciais e casas são transformados em um cenário artístico, ou seja, as casas que Jesus passava no tempo que fora levado e crucificado carregando uma cruz nas costas e uma coroa de espinhos na cabeça. Todos

os espaços são moldados devido as percepções imagéticas, pois embora nem todos os locais fechem nessa ocasião, agora são vistos pelos atores e telespectadores, como uma cidade imaginária, que funciona para as pessoas como palco teatral, como cenário da peça da encenação da Paixão de Cristo:

O tema da “rua” nos coloca diante do fato de que na análise do espaço urbano o lugar aparece com significados múltiplos. A cidade, em si, só pode ser determinada como lugar à medida que a análise incorpore as dimensões que se referem à constituição, de um lado, do espaço urbano, e de outro, aquela da sociedade urbana. Todavia a cidade é reproduzida a partir da articulação de áreas diferenciadas com temporalidades diferenciais que se produzem, fundamentalmente, da constituição de uma forma de apropriação para uso que envolve especialidade que dizem respeito à cultura, aos hábitos costumes, etc..., que produzem singularidades espaciais que criam lugares na cidade das quais aparece como elemento importante de análise (CARLOS, 2007, p. 52).

Partindo dessa perspectiva, a peça teatral da Encenação da Paixão de Cristo se configura como cenário de tramas, que desenvolvem relações sociais, que articulam o espaço, as práticas, as representações e as memórias que são recordadas a duas décadas da elaboração dessa atividade religiosa na cidade. Essas rememorações estabelecem a construção de uma representação local para os cidadãos. Essa representação torna-se um dos elementos simbólicos desse espaço urbano, pois as representações, e os sentidos são fragmentos que constituem uma realidade social (PESAVENTO, 2007).

É através das representações que o contexto social urbano é lido e percebido, e que essas significações as tornam reais. E juntamente aos discursos possibilitam as rotas das práticas sociais. Portanto, há um leque de sociabilidades que se configuram nos espaços da urbe e que articulam as relações, na teoria à prática. Dessa maneira, promove uma narrativa histórica dessa terra, do imaginário urbano representado pelas vivências e convivências desenvolvidas nos espaços de sociabilidades da urbe e no cotidiano dos cidadãos.

3 O PROFANO ROUBA A CENA: COTIDIANO, VIVÊNCIAS E SOCIABILIDADES

Dialogamos com os estudos de Sandra Jatahy Pesavento com a análise da cidade de Santa Cruz do Piauí às leituras em suas pedras materiais e imateriais. É sobre essas interpretações que analisamos nesse capítulo o cotidiano dos santa-cruzesenses e seus usos dos espaços da urbe, das formas de vivência, convivência e sociabilidades. Refletimos sobre as experiências, sensibilidades, memórias coletivas e individuais, que subtendem o modo de agir, pensar e olhar um lugar social, e a forma como esses sujeitos e grupos se enxergam socialmente.

Nesse sentido, abordaremos os espaços de sociabilidades utilizados pelos cidadãos no período da *Semana Santa*. Entretanto, verificou-se a necessidade de uma reflexão sobre as mudanças transcorridas na urbe antecedente e após o período proposto nesse trabalho. Abordamos os principais locais de interações sociais e simbólicos como as ruas Rui Barbosa, Né Aristarco e José de Fama, as praças Nossa Senhora Sant'Ana e Clementino Martins e os bares rodoviário, comercial e do Vandim, os mesmos atuam como meios que fornecem ações, relações, encontros, conversas, namoros, manifestações culturais ressignificados aos moldes desse contexto urbano. Raquel Rolnik (1995) entende a cidade como um ímã, um campo magnético que atrai os homens, e esse capítulo aborda esses espaços de sociabilidades como fragmentos atrativos que constituem o conjunto desse ímã urbano.

3.1 O espetáculo da vida: ruas, subjetividades e costumes

Santa Cruz do Piauí é uma cidade territorialmente pequena, com 6.027 habitantes. Nas suas pedras materiais e imateriais, possibilita refletir e dialogar com a cidade enquanto uma esfera social fragmentada. As faces urbanas se descortinam com tantas outras cidades imersas dentro do mesmo espaço urbano, com identidade e subjetividades, que permitem pensar o espaço urbano como um micro campo social com ações, discursos e reflexões que contribui para os estudos e discussões sobre a História das Cidades. Nessa perspectiva, esse percurso recorrente ao município, se direciona às práticas na cidade nesse extrato temporal. Desse modo, verifica os espaços de interações sociais que estrutura o cenário urbano, e manifesta costumes e identidades, imersas no cotidiano e lugares vivenciados pelos cidadãos.

A *Semana Santa* se inicia no domingo. Nesse advento, a urbe passa por um processo de mudanças rotineiras. São elas nas ruas, com a ocupações dos espaços pela Igreja, ou pelos passageiros que aumentam significativamente nessa época. Esse aspecto de transformações,

devido às preparações religiosas já foi citado anteriormente, bem como a utilização da rua principal para a Encenação da Paixão de Cristo. Nessa temporalidade as ruas são discutidas numa categoria direcionada ao cotidiano dos moradores. O que constitui os aspectos de alterações na utilização das mobilidades urbanas, como as ruas, as praças e os bares.

Como já foi apontado anteriormente, o fluxo de pessoas eleva nessa época. Essa circunstância altera a utilização das ruas. No entanto, para além disso, com o fluxo migratório, a intensificação da utilização dessas vias possibilitam as interações, conversas, ou encontros realizados nesses espaços. Uma quantidade significativa de pessoas, moram em outras cidades, e visitam Santa Cruz-PI, para participarem das atividades religiosas, ou para festejarem o feriado da sexta-feira na cidade natal. Uma das relações que se ocorrem no período, é a de encontros e reencontros de conhecidos, que não mantinham contato a um considerável tempo. A segurança urbana é reforçada nas ruas, há uma necessidade redobrada de tutelar a cidade, em razão do aumento migratório e ações efetuadas na urbe.

A segurança da cidade é composta por uma delegacia, com 3 policiais na cooperação, esses que revezam os dias de trabalho entre si. Além do policiamento e segurança pública, há uma rede de vigias noturnos que andam em motocicletas pelas ruas da cidade, vigiando as casas que contrataram seus serviços, este quando notam algum comportamento estranho, logo acionam o morador da casa e posteriormente o policiamento municipal.

Desse modo, de acordo com Tonny Cesár Barbosa da Silva, policial do departamento local de segurança pública da urbe, os casos de denúncias ou atos de violência, como assaltos, furtos e outros crimes relacionados, não fazem parte recorrente do cotidiano urbano. Nos relatou que esses tipos de manifestações ocorrem raramente, e que quando ocorre causa um certo tipo de alvoroço entre os moradores, por se tratar de ações que não estão habituados. Posto isto, considera a cidade um lugar de vivência e convivência auspiciosa. Esses hábitos que perscrutam as ocupações dos espaços, proporcionam para a urbe uma visão de lugar divertido, seguro e atrativo de uma sociedade enquanto grupo coletivo.

Desse modo, atenta-se a um espaço urbano com milhares de pessoas, estas que estão interligadas entre si, a signos, representações, rituais, memórias, que designam um espaço social devido a suas ações cotidianas e, nesse trabalho, percebidas durante a *Semana Santa*. As cidades são como escritas, que podem ser lidas e ressignificadas, ao viés dos seus hábitos e costumes, ou seja, através da cultura da urbe. Assim sendo, os costumes surgem como formas significativas para pensarmos a cidade e suas ressignificações espaciais, bem como, práticas

sociais que perduram e se tornam como costumes coletivos da cidade ou subjetividades da mesma enquanto estrutura fragmentada em ruas.

A urbe como eixo coletivo possui o costume de circunvizinhança. Durante o turno da noite, por volta das 20h, os cidadãos ficam de conversas nas calçadas, permanecem por lá até por volta da meia noite. É nessas práticas que são desenvolvidas as interações com os vizinhos, uma das faces que instituem as sociabilidades cotidianas de uma cidade. O grupo de amigos na esquina, a turma de mulheres já de idade que discursam sobre a vida de todos sentadas na “porta de casa”. O grupo que se reúnem nas calçadas para jogar baralho, dominó e tragar um cigarro. As crianças perambulando pelas ruas, calçadas que outrora não se sabe se são públicas ou privadas. Assim sendo, nessa linha reflexiva para pensar as relações sociais desenvolvidas nas calçadas da urbe, nos permite dialogar com as discussões que a professora Ada Raquel Teixeira Mourão (2014) nos traz em suas pesquisas. Ada Mourão, problematiza a ideia acerca desse espaço enquanto estrutura pública ou privada.

Há alguns anos, os hábitos das crianças brincarem nas ruas eram frequentes, brincadeiras de rodas, pega bandeira, pique-esconde, que por sua vez acabavam ocupando os espaços das calçadas, ocasionando conflitos com os donos das casas. Esse ambiente urbano, onde situa-se moradias, é o local onde são construídas relações de vizinhança, sobretudo nas estruturas das calçadas. Assim ao

Pensar a cidade sem o espaço público das calçadas é como pensar em uma ilha de individualidade e funcionalidade, em um mar de vazio. As ilhas representando as construções no espaço como, por exemplo, os edifícios com suas diversas funções – comerciais, residenciais ócios, etc. – cercadas pelo vazio não vivenciado das calçadas. [...] Entende-se que todo o sistema de espaços públicos de uma cidade, entre eles as praças, parques, praias, ruas e suas variações, a calçada é um espaço de vivência cotidiano mais fundamental e presente na vida dos moradores das cidades. É um espaço dedicado prioritariamente a circulação de pedestre, mas que, nas cidades pode servir igualmente como espaço de contato social com a diversidade, como espaço de lazer ou convivência (MOURÃO, 2014, p. 27-28).

De acordo com Ada Mourão (2014) as calçadas constituem-se como o espaço de interação mais fundamental, pois está cotidianamente em todas as moradias urbanas. Em Santa Cruz do Piauí o espaço que é utilizado diariamente pelos moradores. Essa interação ocorre com naturalidade, são os fatos do dia-a-dia, ações que são realizadas sem a necessidade de um evento específico. Esse costume rotineiro, enraizou-se no modo de agir dos cidadãos e na história da cidade. No entanto, algumas situações podem alterar essa prática como nos dias da semana. Nas segundas-feiras, é o dia que ocorre a feira local, moradores que residem nas comunidades rurais

migram para a urbe para fazerem suas compras, como observa-se no depoimento do Manoel de Sousa Santos dono de bar, que relata que essas alterações ocorrem nos,

Dias de segunda, o centro fica uma movimentação só, é um monte de gente escolhendo as verduras, as mulheres vão fazer a feira, enquanto os homens ficam nos bares do mercado bebendo e jogando, é o dia dos trabalhadores de roça ter diversão, tiram para beber aquela dosinha e conversar com os conhecidos. É por isso que as pessoas costumam entrar mais cedo para casa, pois só da bebo (sic) na rua (SANTOS, 2018).

A fala do entrevistado Manoel Santos, sobre o dia da segunda-feira, a partir de experiência vividas e enxergadas pelos cidadãos, capta-se nesse dia como um dia para a diversão dos homens e das suas bebedeiras. Ocasionalmente nessas práticas, a situações de que muitos desses moradores bebem demais e ficam bêbados. Constitui-se um discurso na urbe em torno desse dia, justamente por se tratar de um dia em que há mais bêbados nas ruas, e isso é considerado uma eventualidade indesejada.

Por outro lado, nos dias que ocorrem a *Semana Santa*, essa movimentação nas calçadas aumenta, sobretudo na parte onde as famílias e vizinhos se reúnem e fazem suas festividades. Antes da inauguração da Casa de Shows Emoções, as comemorações festivas desse período ocorriam nas calçadas ou nos colégios, era feita a escolha de uma calçada específica e nessa ocorriam os bingos, leilões, bebedeiras e churrascos. Os costumes tornam-se um dos modos possíveis de olhar a cidade. Essa reflexão sobre a cidade, compreende a urbe como espaço fragmentado, notado por suas ruas, bem como vislumbra-se esses lugares com particularidades, costumes e identidades pois,

Que melhor meio de compreender um país, na sua realidade profunda, senão 'flanar' nas ruas? Do labirinto das vias seculares ao fluxo circulatório das megalópoles modernas, são elas que dão a uma cidade o seu sentido - sua medida ou sua desmedida. (PESAVENTO, 1996, p. 8).

As ruas de Santa Cruz do Piauí, têm como uma característica comum, serem arborizadas. Algumas são calçadas ou asfaltadas, ocasionando uma mudança climática, pois as asfaltadas, com as estruturas materiais do asfaltamento, transmitem mais calor. As análises sobre as ruas vão além do lugar de passagem, são palco de interações e exibições. Nessa perspectiva, se enquadra a Né Aristarco, rua principal da cidade, por ser a rua mais movimentada e central que subdivide e que perpassa a entrada da cidade (SOUSA, 2014).

De acordo com os estudos da autora Sandra Pesavento, na sua obra *O Espetáculo da Rua*, as ruas se configuram como um espetáculo, como um palco da ação humana, ou seja,

atores e/ou grupos sociais. Na perspectiva dessa autora, a flâneridade das ruas nos direciona no caminho de alcançar a sua compreensão. Essas provavelmente são estruturas de um sistema, e/ou modo de escapar do controle. Dessa forma, é preferível trafegar por uma rua pois a movimentação é mínima. Assim, quando se quer escapar dos olhares das pessoas, são preferíveis as ruas pouco iluminadas e menos movimentadas. Como meio de driblar os olhares citadinos ou os julgamentos. Pois na rua,

Refletiu as mudanças urbanas do novo século; povoada de atores sociais, criadores de novas ambiências, constituiu-se no objeto de um novo imaginário social. A rua era o cartão de visitas de uma cidade moderna, embora as ideias - imagens sobre elas e seus personagens - não correspondessem no todo com as condições concretas do social. Cenário da vida urbana, ela teve várias facetas. Teatro da vida, nela se desenrolavam várias peças (PESAVENTO, 1996, p. 83).

Segundo as perspectivas de Sandra Jatahy Pesavento, a rua se constitui para além de estrutura física, mas como um reduto imaginário de uma sociedade. As ruas distanciam-se da concretude, participam e constroem um cenário urbano multifacetado, em que os moradores são personagens da “peça teatral” da vida. Assim, direciona essa análise às subjetividades do contexto urbano, através das principais ruas da cidade Rua Né Aristarco, Rua Rui Barbosa E Rua José de Fama. Neste caso, cada rua possui suas peculiaridades, cada rua da cidade é uma cidade por si e,

Sobretudo, a cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade, ser citadino, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam. Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos (PESAVENTO, 2007, p. 1).

De acordo com o pensamento de Sandra Pesavento, relacionando com a cidade de Santa Cruz do Piauí, as ruas são conhecidas de maneiras diferentes conforme os hábitos, sensibilidade e o imaginário dos moradores. Pertencer a uma cidade implica regras, formas e costumes que englobam o coletivo urbano. Nas práticas cotidianas, nas interações nesses espaços, é quando se desenvolvem as outras tantas cidades imaginárias dentro da cidade, com essas estruturas desenvolvem suas próprias formas de se representar e de perceber o outro e a si mesmo. Essas

ruas que compõem a urbe foram programadas e nomeadas segundo figuras ilustres que tiveram participação na sua fundação e desenvolvimento urbanístico. Estes personagens foram homenageados pela sua participação na perpetuação desse espaço urbano enquanto cidade, sendo lembrado e enraizado na memória santa-cruzense através da sua nomeação como o nome das ruas.



Figura 11: Rua Rui Barbosa na cidade de Santa Cruz do Piauí, 2018.
Fonte: Acervo pessoal de Fernanda Costa.

Esse fragmento da Rua Rui Barbosa entre a rua Né Aristarco e Rua Duque de Caxias, compõe uma espacialidade urbana que se constitui como lugar de passagem. Além disso, também como mecanismo das estruturas arquitetônicas urbana, a maioria das casas possui arborização frente à residência. Essa localização é conhecida apenas como Barbosa, foi nomeada em homenagem a figura de Ruy Barbosa⁹. A escolha do nome, se deu porque na década de 1970 representantes políticos, junto ao grupo dos trabalhadores, decidiram homenagear uma figura pública e conhecida que lhes representassem enquanto uma figura política, além dos trabalhadores e demais moradores que eram vislumbrados pelas leituras e poemas de Ruy Barbosa (SOUSA, 2014).

O modo de agir e pensar dos cidadãos da rua também foi um ponto para essa escolha, fizeram com que esse sujeito fosse homenageado por suas práticas relacionarem com os costumes cidadãos dos moradores que ocupavam/ocupam essa rua. Estes moradores que se

⁹ Ruy Barbosa de Oliveira foi um polímata brasileiro, tendo se destacado principalmente como jurista, advogado, político, diplomata, escritor, filólogo, jornalista, tradutor e orador.

desenvolviam como sujeitos leitores, poetas e artistas, e realizavam ações culturais, poéticas dança, música e arte frequentemente. Atualmente, é conhecida como a *rua dos fuxicos*, pois verifica-se que seus ocupantes, possuem o hábito de falarem da vida alheia. O ato de passagem do sujeito nesse lugar, torna-o alvo de falatórios entre os cidadãos que interagem nas calçadas. Além da passagem, a ocupação desse lugar faz como que se torne ator da peça teatral de convivência da rua. A depoente Maria Josefa de Moura Santos acentua:

Aqui nessa rua é difícil ter um acontecimento para os outros não saber, até mesmo as coisas que acontecem dentro de casa. Eu fico impressionada como as notícias correm rápido aqui, parecem até jornal, não é à toa que falam jornal da Barbosa (risos). E não adianta passar tarde da noite não, que parece que as janelas têm olhos e as paredes têm ouvidos (SANTOS, 2018).

A rua se configura nos hábitos dos moradores, como um palco que cada morador se institui como personagens de falatórios, uns como atores, outros como autores. Embora outras ruas da cidade, assim como de tantas outras cidades também possuem essa característica, essa rua ficou conhecida assim por discursos cidadãos. Como pontua Maria Santos, essa é considerada a rua onde desenvolve os fuxicos com mais intensidade, e esses sentidos percebidos pelos os moradores, se fixou ao imaginário urbano, de modo que, a rua passou a ser conhecida popularmente por essas características.



Figura 12: Rua José de Fama na cidade de Santa Cruz do Piauí, 2018.
Fonte: Acervo pessoal de Fernanda Costa.

A referida imagem (figura 12) contempla a rua José de Fama, conhecida como Cohab, pois ela era apenas de uma esquina a outra e a cada duas casas um terreno sequencialmente situado próximo ao morro. É conhecida também por saberem de todos os acontecimentos da urbe, no entanto, esse discurso não é tão intenso quanto da rua anterior. Foi nomeada em homenagem a seu José de Fama, um dos fundadores da cidade e um dos tropeiros mais importantes do município. A rua não é asfaltada e sua localização é um pouco distante dos pontos comerciais e do centro da urbe. O nome da rua, faz jus ao costume local, a rua é famosa pela forte religiosidade entre os seus ocupantes. Em um espaço da rua, ao entrar num caminho de terra, há um atalho que leva ao Morro da Cruz.



Figura 13: Rua Né Aristarco na cidade de Santa Cruz do Piauí, 2018.
Fonte: Acervo pessoal de Fernanda Costa.

A imagem em questão (figura 13) evidencia a Rua Né Aristarco, conhecida como rua principal. Foi assim nomeada em homenagem a Manoel Clementino de Sousa Martins conhecido como Né Aristarco, que era o dono da fazenda Tranqueira, que deu origem a um povoado que posteriormente se desenvolveu como cidade. É nessa parte da urbe, onde localiza-se a maior parte dos pontos comerciais e dos bares, bem como os principais centros de sociabilidades. É possível enxergar na imagem elementos que remetem ao passado, como o automóvel Jeep, veículo que surgiu em meados da década de 1940, os primeiros modelos surgiram na segunda guerra mundial, a história do veículo começou atrelada ao exército para fins militares. Foi moldado e transmutado para os novos dias atuais, os novos modelos

distanciam-se da aparência inicial do Jeep. No entanto, sobretudo em cidades pequenas, esse tipo de automóvel ainda é utilizado.

Conhecida como a rua principal por ter a maior movimentação de carros, motos e pessoas. O espaço é popular por desenrolar-se as tramas sociais da urbe, as sociabilidades entre os vizinhos nas calçadas, na venda e compra de mercadorias. Por concentrar o principal estabelecimento de saúde e escolas, assim como outros departamentos municipais. Nesses lócus da cidade, os sujeitos praticam o que querem que seja notado, não há momento de movimentação em que não seja preferível trafegar pela a rua principal, a visibilidade se expande. Mas possui um efeito ambíguo nos seus recintos, especialmente ao anoitecer tarde da noite é onde declina a movimentação. Quando na parte do dia a preferência é passar por essa rua, como uma espécie de palco, para se mostrarem e serem vistas na cidade, durante a noite quando não querem serem vistos, a rua torna-se a última opção. Essa rua tem a função de palco, uma vez que se considera como o espaço de exibição. É tanto que os prostíbulos da cidade se localizam bem distante das ruas citadas anteriormente, segundo nos explica a entrevistada Francisca Moura Vieira, conhecida como Chiquinha, sobre o primeiro prostíbulo de Santa Cruz do Piauí:

Quando aqui foi construído, o dono procurou a rua mais afastada, pois como a cidade é pequena, os costumes e hábitos daqui, é do povo falar da vida alheia. Povo aqui tem a mania de cuidar da vida dos outros. Se aqui fosse localizado nessas ruas movimentadas, não dava ninguém, nem teríamos clientes, isso afastaria a clientela, por causa do medo da família e do povo da rua ficarem sabendo, por isso tem que ser escondido, cidade pequena sabe como é, o povo fala muito (VIEIRA, 2018).

O relato da depoente Francisca Vieira, ao nos informar sobre a construção do primeiro prostíbulo na urbe, como aponta Michel de Certeau (1998) a possibilidade de refletir sobre o cotidiano, promovendo práticas sociais. A abordagem dessas práticas, viabiliza a rotina urbana e o costume, dos moradores se manterem informados sobre a vida dos demais cidadãos, essa espécie de ação, nomeada sobretudo nas cidades pequenas, de fuxicos. Nesse aspecto, práticas da vida privada, entra consonância com a vida pública. Considerando os costumes como as conversas nas calçadas, as espiadas pelas janelas, os mexericos, as conversas dos homens nas barbearias, nos jogos e etc.

Além disso, há uma instigante experiência no viver urbano na cidade de Santa Cruz do Piauí no período *da Semana Santa*, pois a movimentação aumenta consideravelmente, com a ocorrência deste evento os moradores passam a se reunir nas calçadas não mais apenas para

conversas, jogos ou brincadeiras, mas para realizarem festas, churrascos, bingos. É o momento onde as ruas já se tornam local que exige mais atenção, pois as motos e os carros passam a todo momento e aquela calma de anteriormente vai criando moldes bem mais agitados. A rua torna-se um cenário de vários sons num espaço só, dos carros, das motos, dos sons automotivos, dos bares, dos passos das pessoas quando vão e voltam das celebrações das missas. Os festejos católicos da *Semana Santa* ainda interligam os moradores dos locais rurais da cidade ao urbano. O cenário muda e são construídas novas práticas de sociabilidades. Diversos locais passam a ser lugares para encontros, conversas e festividades, como as praças, os bares, que embora sejam utilizados no dia-a-dia, a movimentação e a utilização é maior nessa semana.

A atração não é apenas a programação religiosa, muitos se interessam pelas festas. A cidade sempre foi conhecida por suas festas e festejos conhecido como Santa Cruz Folia, atraindo uma multidão. Na *Semana Santa*, santa-cruzenses que residem em outras cidades vêm para urbe para passar a semana com a família.

3.2 As praças: como lócus de sociabilidades

A praça é um dos espaços citadinos mais praticados e, portanto, mais marcado pelos passos, pelos itinerários feitos e refeitos pelos sujeitos ordinários que transitam, apropriam-se e vivem mil histórias em suas pedras (CERTEAU, 2008). A cidade de Santa Cruz do Piauí é composta por duas praças, a Praça Clementino Martins e a Praça Senhora Sant'Ana subdividida em duas partes, vista, e imaginada como duas praças, sendo uma só.

Nos direcionamos aos espaços das praças para pensarmos sobre elas como lócus de sociabilidades, assim como Certeau (2008), acreditamos na possibilidade desses locais nos contarem inúmeras histórias sobre essa terra. De modo que, enxergamos os usos, as funções, e os sentidos percebidos e remetidos no imaginário citadino sobre essas pedras. Especificamente no período que consiste a *Semana Santa*, que assim como esse evento modifica o cotidiano dos citadinos, também intervém nas relações, e práticas realizadas nesses espaços.

No período dessa semana, os moradores das localidades rurais da urbe vêm para ela, para participarem das celebrações religiosas e também das festividades locais. Assim, como o evento ocasiona diversas práticas, as praças também corroboram diversas utilidades, sejam ligadas ou não aos festejos católicos.



Figura 14: Praça Senhora Sant'Ana 1º parte, na cidade de Santa Cruz do Piauí, entre a Rua Barbosa, e a Cônego Cardoso (2018)

Fonte: <http://conhecendopiaui.blogspot.com/>

A (figura 14) mostra umas das praças localizadas na cidade, a Praça Senhora Sant'Ana, essa parte desse espaço, nesse período, é restritamente direcionada apenas na realização dos festejos católicos da *Semana Santa*, nessa conjuntura se constituem diversas ações, como as missas, os ensaios da peça da Encenação da Morte e Ressureição de Jesus Cristo, a criação dos cenários, das roupas, da procissão de Ramos etc. As apropriações dessa local se constituem no período, com uma função religiosa. A urbe possui duas praças, de tal modo que cada praça possui suas funções e representações.



Figura 15: Praça Senhora Sant'Ana 2º parte, na cidade de Santa Cruz do Piauí, entre a Rua Barbosa, e a Cônego Cardoso (2018).

Fonte: Acervo pessoal de Fernanda Costa.

A praça

A praça. Ah aquela praça
Naquela pequena cidade...
Onde a roda gigante girava o mundo
E por segundos esquecia que o tempo
É pai do futuro.
Naquela gangorra os pássaros se faziam amigos...
E lindos e lindos e lindos
Os sonhos de criança. (FIGUEIREDO, 2008).

As histórias das praças estão ligadas ao surgimento das cidades e os fragmentos advindos do seu desenvolvimento (BAHLS, 1998). As praças da cidade, são nomeadas em homenagem a um morador da urbe que ajudou na sua construção e a uma figura religiosa da santa Nossa Senhora Santana. No entanto, embora possuem os nomes oficiais, são conhecidas acerca do seu significado. As imagens acima (Figura 14 e 15) retratam a primeira praça construída na cidade a Praça Senhora Sant'Ana, junto com a construção da capela, que aos longos dos anos foi sendo reconstruída e reformada.

A imagem (Figura 15) explana o espaço da Praça Santana em outro panorama, a parte agregativa aos fiéis e a parte que evidencia a infraestrutura do templo religioso católico. Esse espaço de sociabilidades é conhecido como Praça da Igreja, utilizada como um espaço agregado ao templo, é utilizada em missas e eventos religiosos onde a estrutura da Igreja não comporta todas as pessoas, bem como na realização das missas da *Semana Santa*, o que ocasiona um aumento da movimentação de pessoas nesse espaço.

Essa conjuntura articula as leis regidas para se habitar a cidade, são constituídas em um documento chamado *Código de Posturas Municipal da Cidade de Santa Cruz do Piauí* (1997) obrigatório em todo município brasileiro neste documento estão inseridos normas para serem regidas nos municípios, explanando algumas delas, temos as que instituem as condições para a construção de casas, bares, lanchonetes, demais espaços de sociabilidade, inclusive os templos religiosos. Sob o que condiz, a presença significativa de fiéis no evento religioso católico, para o controle dessa aglomeração no espaço da Igreja Católica, estão presentes também leis inseridas, como forma de controle de tal ocupação. Conforme determina as seguintes posturas:

CÓDIGO DE POSTURAS MUNICIPAL DA CIDADE DE SANTA CRUZ DO PIAUÍ-PI

III DOS LOCAIS DE CULTO

Art. 38 ° - Os locais franqueados ao público, nas igrejas, templos ou casas de cultos, deverão ser conservados limpos, iluminados e arejados.

Parágrafo Único - As igrejas, templos e casas de culto não poderão conter maior número de assistentes a qualquer dos seus ofícios, do que a lotação comportada por suas instalações. (20/06/1997)

Na análise do documento acima, percebemos a necessidade que os responsáveis públicos veem em manter a urbe sobre controle. O documento constata o agrupamento na lei do município da norma de instalação que se a quantidade de pessoas forem maior que o número que o local pode comportar, deve ser transferido para outro ambiente. A Praça Nossa Senhora Sant'Ana desse modo, é um espaço aberto atrelado ao templo religioso, e utilizado quando ocorrem eventos especiais como a Quaresma, que reúne fiéis do urbano e do rural. Como já foi dito anteriormente, a Praça Nossa Senhora Sant'Ana é subdividida em duas, possui duas praças com o mesmo nome, embora sejam duas áreas diferentes, são consideradas uma só. É importante mencionar, que cada parte desse espaço possui funções, usos e representações divergentes.



Figura 16: Praça Senhora Sant'Ana 3ª parte, na cidade de Santa Cruz do Piauí, entre a Rua Barbosa, e a Cônego Cardoso (2018)

Fonte: Acervo pessoal de Fernanda Costa.

Como pode-se observar na imagem acima (figura 16), a segunda parte da praça construída na cidade, também nomeada Senhora Sant'Ana, por se localizar em frente à praça que também recebeu esse nome, embora separadas por um espaçamento de ruas, essas são oficialmente uma só, no entanto são divididas em duas de acordo com suas ressignificações. Por exemplo: a primeira é conhecida por a pracinha da Igreja, por estar unida ao templo religioso católico, já a demonstrada acima é conhecida como Praça do Fórum, por se localizar

em frente ao fórum da cidade, ou do parquinho. Os seus aspectos nos demonstram um dos espaços de sociabilidades da urbe, utilizados por todos, inclusive para as crianças. No entanto, os brinquedos das crianças posto nessa estrutura, é conhecido como o parquinho, mas atualmente por já está em uma estrutura precária foi destituído para a construção e reposição de outros brinquedos.

A sua localização é próxima à Igreja, onde encontra um pequeno parque de diversão, com balanços, é nesse local onde os casais de namorados mais frequentam, é conhecida como a pracinha dos esquemas, estórias que se brotam da urbe costumam dizer que as mocinhas vão para a missa e em seguida saem para namorar ou atrás da Igreja ou na pracinha. Dessa forma, esses espaços eram espaços de lazeres, diversão e namoricos, sobretudo na década de 1980. Como nos explica a depoente Francisca Moura Vieira (Chiquinha):

No meu tempo os pais não deixavam as moças sair tarde da noite, então para encontrar os namoradinhos, a gente dizia que ia para missa. Eu e minhas amigas combinavam. Umas ia pra pracinha e outras ia pra de trás da Igreja (Risos). Hoje em dia é uma liberdade só. Não namoram mais nas calçadas e nem nada. Tenho muita experiência nessas coisas da vida, olha onde trabalho (Risos). Mas fico impressionada até hoje com essas mudanças da vida (VIEIRA, 2018).

Nota-se na fala da entrevistada Francisca Moura Vieira, a sensibilidade ao recordar suas vivências passada e o seu deslumbre ao deparar-se com um cenário de mudanças nos hábitos e costumes citadinos. Como percebemos, a praça é popularmente conhecida de duas maneiras, entre os mais velhos como Praça do Fórum, entre os adolescentes como a pracinha dos esquemas e entre as crianças como a praça do parquinho. Temos deste modo, um espaço de sociabilidade conhecido de acordo com a representação que insere em cada pessoa.

A depoente Francisca Vieira ao nos relatar seus pensamentos, nos permitiu lembrar de um fragmento do poema “A praça” do autor William Figueiredo, que aborda essas relações de envolvimento que se configuram nos espaços urbanos, como as praças, a Igreja, dentre outros. Em tempos passados, a Chiquinha ao lembrar da época da sua mocidade e de como elas e suas amigas utilizavam esses lugares. Segundo o poema, tempos estes que,

A graça que enaltece a glória
De ter vivido naquela estação
Vive no coração,
Vive na alma
Dos que ali passaram.

Igreja católica,

Mina d'água,
Namoros fogosos,
Amores proibidos,
Sexo escondido
Nas madrugadas, sobre as gramas.

Entre as flores que hoje revelam
A pureza de nossos dias...
Fotos coloridas,
Sorrisos que iluminam
O quadro da lembrança
Do que éramos nós

Tudo era motivo para parar
Como se não fosse nada
Presságio de um bom sinal.
Meu amigo, meu filho,
A graça da liberdade
Inserida no contexto da praça. (FIGUEIREDO, 2008).



Figura 17: Praça Clementino Martins na cidade de Santa Cruz do Piauí, a partir da rua Né Aristarco (2018).
Fonte: Acervo pessoal de Fernanda Costa.

Nessa imagem (figura 17) retrata a Praça Clementino Martins, popularmente chamada de Praça Principal, por ser localizada na rua principal, e conseqüentemente possuir maior movimentação. Na estrofe acima o poeta William Figueiredo nos demonstra a praça como espaço de liberdade. A praça referida, localiza-se no centro da cidade. Os jovens, especialmente, utilizam como ponto de encontro para bebedeiras, conversas e namoricos ou para decidirem o

próximo trajeto. A maioria dos casais de namorados preferem ficar nos lugares debaixo das árvores na qual a iluminação é menor, outros preferem ficar nos lugares mais iluminados. De acordo com a ocupação da praça pelos cidadãos, a praça é usada pelos cidadãos de diversas maneiras, lugar de passagem, namoros, conversas, encontros e até bebedeiras. Desse modo, os espaços de sociabilidades são usados de diversas maneiras, o viver urbano exige uma vida coletiva. Essa questão se relaciona com as perspectivas de Raquel Rolnik, pois,

Ao pensar a cidade como ímã, ou como escrita, não paramos de lembrar que construir e morar em cidades implica necessariamente viver de forma coletiva. Na cidade nunca se está só, mesmo que o próximo ser humano esteja para além da parede do apartamento vizinho ou num veículo no trânsito. O homem só no apartamento ou o indivíduo dentro do automóvel é um fragmento de um conjunto, parte de um coletivo (ROLNIK, 1995, p.7).

Com base nos estudos de Raquel Rolnik, não importa se o lugar que se encontra é público ou privado, habitar uma cidade já é por si só um conjunto. A urbe se concentra como um espaço de controle social, que são desenvolvidas as relações de poderes e as normatizações. Pois, para milhares de pessoas, cada qual com suas especificidades viverem em coletivo, é necessário, a criação de normas, para que tornem essas relações pacífica e éticas. Desse modo, o *Código de Posturas Municipal de Santa Cruz-PI*, se adentra nessas questões, criado no ano de 1997, de modo que, as normas, para a convivência na cidade, estão inseridas nesse documento obrigatório de todo município. Histórias, pessoas, práticas, pensamentos interligados cotidianamente com a estrutura de vizinhança e vida coletiva que só são permitidas no espaço urbano e controladas por,

CÓDIGO DE POSTURAS MUNICIPAL DA CIDADE DE SANTA CRUZ DO PIAUÍ-PI

CAPÍTULO III - POLÍCIA DE COSTUMES, SEGURANÇA E ORDEM PÚBLICA

SEÇÃO I - DA ORDEM E SOSSEGO PÚBLICO

Art. 29º - Os proprietários de estabelecimentos em que se vendem bebidas alcoólicas serão responsáveis pela manutenção da ordem dos mesmos.

Parágrafo Único – As desordens, algazarra ou barulho, porventura verificados nos referidos estabelecimentos, sujeitarão os proprietários a multa, podendo ser cessada a licença para seu funcionamento nas reincidências.

Art. 30º - É proibido perturbar o sossego público com ruído ou sons excessivos.

Código de Posturas Municipal de Santa Cruz-PI, instaurado na cidade de Santa Cruz do Piauí no ano de 1997, possui normas que impõe o controle nos espaços de sociabilidades da

urbe. No período da *Semana Santa*, essa normatização é ainda mais necessária, por a movimentação aumentar nesse período.

Entre os anos 2008 e 2015, a movimentação nas praças na urbe, era elevada, especialmente nos dias de domingo, em que o fluxo de pessoas aumentavam nesses ambientes consideravelmente. Eram utilizados pelos cidadãos como lugar de conversas, encontros, namoros, bebedeiras, ou apenas passagem. Assim como rememora a depoente Samantha de Araújo Rodrigues:

As praças eram bem movimentadas, no dia de domingo então, nem se fala. Só que as pessoas não vão mais não, é difícil agora. A gente ia mais para conversar, namorar, ou só mesmo para dar uma volta e voltar para casa. Mas hoje em dia o movimento está fraco. Só que na semana santa, tem gente demais, e as famílias vem e a gente tem que levar para aproveitar, as praças lota mais quando as pessoas saem das missas, e os bares então sem se fala é cheio de gente só esperando a hora de irem para a festa (RODRIGUES, 2019)

A cidadina Samantha de Araújo Rodrigues também pontua que acredita que houve uma baixa no hábito urbano em relação a ocupação desses espaços. E que manifesta também como as relações sociais, de interação e vizinhanças, são atualmente pouco praticadas nos lugares públicos. O que conseqüentemente as relações sociais da urbe, estão se estreitando apenas a família, e a quatro paredes. Por outro lado, durante a *Semana Santa*, em decorrência dos festejos católicos e das festas locais, os cidadãos, especialmente os jovens, exercem a prática de irem para as praças quando saem das missas, ou para esperarem o horário de se arrumarem para irem às festas. Assim verifica-se nesse evento, uma alteração no cotidiano urbano, e um resgate aos hábitos que estavam sendo esquecidos. Tornando a praça novamente um dos principais lugares de sociabilidade da urbe, assim como os bares.

3.3 Os bares: Lugares que contam e revivem histórias

A cidade de Santa Cruz do Piauí, em circunstâncias territoriais, é considerada um município pequeno. Esse espaço abarca em suas linhas materiais e arquitetônicas várias construções, as casas, os supermercados, as lojas, as igrejas, as escolas, os hospitais, as ruas, as praças, os bares etc. De modo que escolhemos um dos espaços para nos direcionar e acrescentar na nossa análise nesse universo urbano, bem como as ruas, as praças, também os bares. Portanto, é preciso cautela. Nestas caminhadas, pode-se encontrar de tudo, até mesmo um bar nestas esquinas da vida (SANTOS, 2016).

Em diálogo com Raimundo Nonato Lima dos Santos (2016), assim como no bar Nós & Elis, em Teresina, acreditamos que o universo cosmológico que se insere os bares santacruzenses, perpassam as suas linhas arquitetônicas. O que nos leva a pensar esses lugares, como espaços cheios de sonhos, amores, decepções (SANTOS, 2016). Acreditamos em bares como lugares sensíveis que comportam atores sociais, ações, manifestações e discursos. Os bares são também lugares de encontros, conversas, bebedeiras, dança, música, e de mediações sociais, que se integram a vida cidadã. De modo que, vale mencionarmos que as análises de Raimundo Santos, assim como nos incentivou a fazer flânerie por esses estabelecimentos, também guiaram a nossa abordagem como um todo.

Voltando o olhar para Santa Cruz do Piauí, nos propomos a enxergar os bares como um dos principais espaços de sociabilidade da urbe, como lugar de memória, que desenvolve relações, interações que dão vida e vozes a esses lugares, que se articulam na, e com a cidade.

Na urbe desenvolve um processo de resignificações, a maioria dos bares, a priori não foram construídos a essa função. Muitos dos bares, anteriormente faziam parte de um cômodo da casa, ou era um estabelecimento logístico. Essas estruturas arquitetônicas, foram sendo remodelados pelos os proprietários dos espaços anteriores, para que pudessem funcionar com um bar. Alguns também era bares antigos, que estavam com as paredes rachadas ou fechados e foram reabertos.

Nessas circunstâncias a análise não se desenvolve de maneira quantitativa, uma vez que não poderemos abordar todos os bares da cidade. Assim, nos propomos a investigar entre tantos estes, apenas três bares da urbe o Bar Rodoviário, O Mercado público, e o Bar do Vandim. Cada um possui suas particularidades próprias, mas de maneira que se alinham a cultura da cidade, possibilitando enxergarmos nesses bares uma análise social que se articulam a cidade e ao cotidiano dos cidadãos. Se articulam ao evento da *Semana Santa*, o que proporciona um fluxo de pessoas maior nesse período. Dessa forma, também pensamos como Raimundo Nonato Lima do Santos em que os bares além de lugar de diversão, bebedeiras, conversas, encontros, namoros, é também lugar de articulação social.

Nesse sentido, se valendo das contribuições de Certeau (2008), o autor Raimundo Santos, trabalha a ideia de “espaço cultural” sob a noção de um “lugar praticado”. Ou seja, o lugar foi e é transformado em espaço a partir das relações sociais. Assim, a relação de uns com os outros e com os espaços foi o eixo central da análise que Santos estabeleceu, como instrumento da preservação da memória. Dessa maneira, o percurso sobre os bares se

desenvolve ao passo que damos os goles nas águas etílicas desse universo multifacetado, que contam, revivem e fazem histórias.



Figura 18: Bar rodoviário na cidade de Santa Cruz do Piauí (2019)
Fonte: Acervo pessoal de Fernanda Costa.

O primeiro gole, se faz acerca do Bar rodoviário (figura 18). Esse bar diferente da maioria, é a priori uma rodoviária. Mas é utilizado também como um bar. Esse espaço é subdividido em dois, no mesmo se encontram dois bares, um na parte térreo, e o outro no andar de cima. Esse estabelecimento é municipal, ou seja, propriedade da prefeitura, assim não possui um dono fixo, apenas administradores. Os trabalhadores nesse local são postos e mudados, ao passo que muda seu representante político.

Esse gole se intensifica nos dias da segunda-feira, onde esse estabelecimento é uma das preferências dos moradores das localidades rurais, que vêm para a urbe realizar a feira. Mas também é um espaço diversificado, frequentando pelos cidadãos de diferentes idades. E ficam lá, conversando, comendo e bebericando. Verifica-se esse espaço com algumas perspectivas adjacentes dos estudos de Maria Dalva Cerqueira (2015), quando ela pensa sobre o trem. Esse espaço atrai não apenas passageiros, mas sentimentos. Constroem não apenas idas e voltas dos carros de Van da cidade, mas de relações sociais perpetuadas pelos cidadãos. E que essas relações durante a *Semana Santa* se intensificam, pois como esse bar se encontra localizado próximo ao quadro de feira, e no centro da cidade, a sua localização o torna um estabelecimento viável para beber durante a semana.

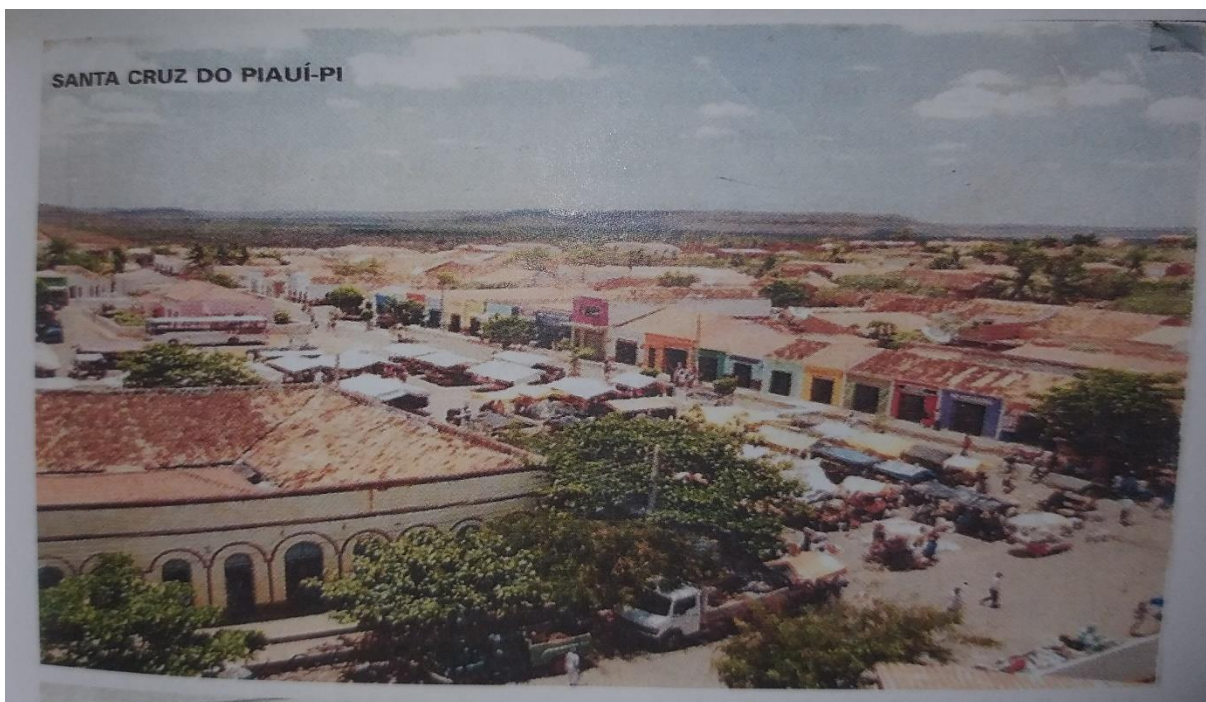


Figura 19: Bares no mercado público na cidade de Santa Cruz do Piauí (2011).
Fonte: SOUSA, 2014. p.29.

O segundo gole, se direciona acerca do mercado público (figura 19). Nos anos 2000, era lá onde se encontravam a maioria dos bares da urbe, mas as construções desses espaços foram se expandido para outras partes da cidade. Diferente do primeiro bar evidenciado, nesses bares a maioria dos frequentadores são entre adultos e idosos, por existir há mais tempo. Todavia, esse estabelecimento ainda possui uma importância e reflexão na nossa análise, por se tratar de um espaço que comporta um aglomerado de bares em fileira. Assim como o bar rodoviário, sua movimentação aumenta nos dias de segunda, é também um dos bares preferidos dos cidadãos das localidades rurais. Além de que, está ao lado do quadro da feira, facilitando o acesso aos clientes.

Manoel de Sousa Santos (2018), dono de um dos bares que se localiza no mercado público, pontua que durante a *Semana Santa*, a movimentação nesses espaços aumenta consideravelmente. E que no seu estabelecimento, ocorre bingos e casadinhas. O mesmo relata que se prepara antecipadamente na questão do depósito de bebidas, para atender a demanda de clientes, que na maioria são familiares que vêm de outras cidades para passar a semana, na terra natal. No entanto, vale mencionar que o funcionamento desse espaço só ocorre na maioria das vezes durante o dia. Dessa maneira, ele ressalta que:

Aqui na semana santa fica lotado, mas só durante o dia. A localização ajuda muito, pois as pessoas vêm fazer a feira, e enquanto as esposas vão fazer a feira, os maridos ficam aqui esperando elas. Conversando, bebendo e jogando e também decidindo o que vão fazer nada durante a semana, pois a família

vem toda, aí tem que fazer os preparos para receber todo mundo (SANTOS, 2018).



Figura 20: Bar do Vandim na cidade de Santa Cruz do Piauí (2019)
Fonte: Acervo pessoal de Fernanda da Costa.

O terceiro gole e último, já se faz acerca do Bar de Vandim (figura 20). Esse se articula como um bar para um público mais juvenil, diferente dos dois anteriores. O primeiro possui um meio termo em relação a faixa etária. Enquanto o segundo é ocupado pelos cidadãos mais velhos, esse é mais pela população jovem. Diferente dos anteriores, a intensificação na movimentação desse bar, são nos dias dos finais de semana, e sua localização é afastada do centro da cidade.

No período da *Semana Santa* o bar na maioria dos dias as farras são exercidas com o uso de sons automotivos, diferentes dos bares anteriores que por se localizar no centro e com a movimentação da feira, durante a semana não utiliza muito o uso do som. A sua construção arquitetônica é mais nova, como também as relações, percepções imagéticas e físicas. Os bares do mercado ainda possuem a maioria dos traços iniciais da sua construção décadas atrás. O bar rodoviário na maioria das vezes muda apenas a sua cor. Já o bar de Vandim se trata de um cômodo da casa, que foi reformado a lugar de bar. Sendo este a construção mais recente, do que os anteriores.

De acordo com a depoente Maria Josefa de Moura Santos, os espaços antes da década de 1990 não eram conhecidos como bares. A cidadina nos relatou que os bares eram na época chamados de quitandas. Ela associa esses espaços aos bares, pois lá era um lugar que vendia

bebidas, com um balcão e mesas para os clientes. Que principalmente os esposos iam lá para se divertirem, conversarem e decidirem negócios ou vendas. Nas palavras dessa entrevistada, ela afirma que

O bar não era bar não, a gente chamava era de Quitanda, era lugarzinho pequeno mesmo, que vendia bebidas, e tinha aqueles que também vendia alimentos. Na Semana Santa mesmo enquanto eu, e as outras esposas fazíamos as comidas, os maridos iam para a quitanda passar o tempo, beber e voltavam na hora do almoço (SANTOS, 2018).

Segundo Maria Josefa de Moura Santos, os bares eram conhecidos como quitanda, e sua arquitetura se restringia apenas ao um molde entre quatro pares e um galpão. Antigamente os maridos iam para os bares para conversarem e realizar os negócios. Com o passar do tempo alguns bares foram sendo construídos, com uma arquitetura diferente, como por exemplo a Rodoviária, que encontra sua estrutura de dois andares.

No período da *Semana Santa*, esses bares aumentam a movimentação consideravelmente. Assim, os bares não fecham nenhum dia da semana, pois esse período é visto pelos comerciantes, como uma forma de aumentar os lucros. E criam formas de atrair os clientes, como promoções no preço das bebidas alcoólicas, o uso dos sons automotivos, ou fazem serestas.

Desse modo, ao darmos nossos goles, já chegamos a nosso nível de “embriaguez”, de modo que, isso intensifica nossa percepção e análise sobre os bares. Nessa caminhada, compartilhamos das análises do historiador Raimundo Nonato Lima dos Santos (2016), que percebe e sente o bar como um elemento articulado à cultura da cidade de Teresina, onde as práticas de espaço no bar Nós & Elis dialogavam com outros espaços de sociabilidades e interagiam com a música, com o teatro e com a literatura. Nessa perspectiva, é proposto pensar além do materialismo e transcender para as percepções imagéticas sobre os bares, que sob o nosso olhar, descortinam muito mais a história desses espaços de sociabilidades. Pois o bar não é só construção, bar não é só parede, mesas ou bebidas, no bar:

Havia também sonhos, amores, decepções – regados constantemente ao som inebriante de acordes lítero-cênicos. Notamos também que esses acordes lítero-cênicos se faziam ouvir em outras partes daquela Cidade Verde. Eram sons, sonantes e dissonantes, que se fragmentavam e se articulavam nos labirintos da memória e da história de artífices citadinos (SANTOS, 2016. p.13).

Nesse sentido que o autor pontua a pluralidade do bar Nós e Elis, em Teresina, onde este congregava sonhos e desejos da juventude teresinense, especialmente os artistas, em sua

relação intrínseca com a cidade e com o contexto da época, conectando assim as diversas manifestações culturais. Vai tratar das histórias, memórias e sociabilidades vividas e sonhadas em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990 como se fosse um espetáculo, mas não um espetáculo comum, onde no fim dele o público ia para suas respectivas casas e os artistas iam comemorar no tradicional bar da cidade. Este é um espetáculo onde, como vimos, o público até saudou os artistas e ficou absorto com tudo que viu, mas não voltou passivamente para suas casas, até mesmo porque cabe nos lembrar que parte considerável desse público, aqui estudada, era formada por artistas da música, do teatro e da literatura (SANTOS, 2016).

Compreender e sentir sua vida e alma, se faz demasiadamente importante, pois além do bar ser um lugar de memória, de sensibilidade, sonhos, relações, e que também enxerga no bar não apenas como lugar de bebedeiras, diversão, mas como lugar de discursos, de opiniões, de seriedade, de onde lá saem ideologias políticas. O bar também se perpetua como um espaço articulado a toda a cidade de Santa Cruz do Piauí, como espaço que contam, recontam, vivem e revivem histórias dos cidadãos, de maneira que tudo que ocorre na cidade no espaço público ou privado.

Dessa maneira, as representações que ocorrem na cidade construídas a partir das visões e sentidos instituídos pelos cidadãos, estão em constante performance, articulado aos espaços que desenvolvem as sociabilidades. De modo que, as diversas interpretações imersas no evento da *Semana Santa* possibilitam os discursos e ações, que perambulam pelos lugares sociais da urbe. De modo que, assim como as ruas, as praças, os bares constituem o que consideramos a ações urbanas. E que, pensamos esse evento, como uma possibilidade de compreender o modo de agir e pensar dos cidadãos, articulado ao espaço e tempo, tempo este que se concebe durante a *Semana Santa*.

Com o advento da *Semana Santa*, os bares funcionam como estabelecimentos que de certa forma estão articulados as festas locais. O seu funcionamento ocorre durante todo o dia, até por volta da 24h. Pois, os frequentadores costumam ir para esses locais exercerem a ação que eles intitulam de esquentar ou prévia da festa como foi acentuado por Manoel de Sousa Santos (2018). Assim, quando chega próximo dos horários das festas, os bares começam a esvaziarem e os sujeitos que ocupavam esses estabelecimentos, se direcionam as suas casas para se prepararem e irem festejarem as comemorações. E desse modo, finalmente os bares fecham suas portas e as pessoas vão para as festas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrermos pelas pedras da cidade de Santa Cruz do Piauí, especialmente durante a *Semana Santa* entre os anos de 2008 e 2018, percebemos as múltiplas representações urbanas imersas nesse espaço e tempo. Além disso, o espaço urbano como universo multifacetado de atores e práticas sociais. No primeiro momento observamos como a cidade de Santa Cruz do Piauí se desenvolveu e se caracterizou enquanto espaço urbano, perpassando por um processo de mudanças. De modo que, nos permitiu pensar essa cidade como lugar histórico, de representações, sociabilidades e memórias.

Dessa maneira, a pesquisa se desenvolveu acerca do período da *Semana Santa*, e suas divergências semânticas em torno dela. Para isso, desdobrou-se como um panorama geral dos aspectos que constituem a história da cidade de Santa Cruz do Piauí, a partir desse evento religioso. Percebemos que a discussão sobre as múltiplas representações sobre a *Semana Santa* nos/dos cidadãos proporcionam práticas e discursos, caracterizados por sujeitos e/ou grupos inseridos nesse espaço.

Verificou-se no desdobramento da Inauguração da Casa de Shows Emoções, um acontecimento que propiciou mudanças no modo de agir e pensar dos santa-cruzenses, tornando-se o ponto inicial no desenvolvimento dessa problemática. E que, através dessa problemática pensar sobre o universo multifacetado urbano. Discutimos as histórias das ruas, dos espaços de sociabilidades festivos, da arquitetura urbana, do ethos urbano, da peça teatral sobre a encenação da Paixão de Cristo, das práticas alimentares e dos costumes dos cidadãos.

Percebemos nessa pesquisa que a cidade de Santa Cruz do Piauí se configura como um espaço plural, cenário de representações, vivências e sociabilidades múltiplas. Por isso, verificou-se a necessidade da construção de um trabalho que se voltasse para as ressignificações urbanas. Assim, partimos de uma discussão em torno dos conceitos de tradição e costume. Faz-se necessário ressaltar, a importância do viés religioso católico na cidade. O evento da *Semana Santa* alterou as práticas sociais, cotidianas, individuais e coletivas da urbe, embora elas não estejam apenas ligadas à igreja.

A religião possui grande influência na urbe, no entanto, a urbe é incorporada por diversos sujeitos e grupos. É importante caracterizar as manifestações católicas, e esse elemento como uma tradição religiosa. Mas é profícuo também nos direcionar as subjetividades e diferentes ressignificações do evento pelos cidadãos, o que nos permitiu mostrar as várias faces que a *Semana Santa* promove enquanto elemento articulado ao universo multifacetado urbano.

São as representações, práticas e ressignificações em torno da *Semana Santa* que personificam a história da cidade de Santa Cruz do Piauí, articulada ao imaginário urbano pois,

O imaginário é esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significado à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem elas em obras exequíveis e concretas ou se atenham a esfera do pensamento ou às utopias que não realizaram, mas que um dia foram concebidas. (PESAVENTO, 2004, p. 11-12).

De acordo com Sandra Jatahy Pesavento, o imaginário possibilita a capacidade de demonstrar a realidade, o real do tempo e espaço em que os sujeitos estão inseridos. Pois segundo a autora, o que é real, é o que são alcançados através dos sentidos, captados pelas articulações sociais no espaço urbano. E nesse caso, os sentidos percebidos, e ressignificados durante esse evento.

Desse modo, essa pesquisa se direcionou acerca do período da *Semana Santa* na cidade de Santa Cruz do Piauí, que revisitou seus espaços, representações e sociabilidades. Além disso, demonstrou um cenário de transformações e permanências advindas ao passar do tempo. As relações, convivências, discursos e práticas que ascendem as luzes da cidade. A urbe percebida durante um evento específico, pois através dele nos permitiu não apenas pensar sobre o espaço, mas sobre o tempo em que a cidade está constituída. Nos fazendo perceber, que uma cidade se constitui como tantas outras cidades, com uma diversidade de sujeitos e representações sociais. De modo que a cidade se torna um universo multifacetado de representações e sociabilidades, que nesse caso ocorrem durante a *Semana Santa* que proporciona ressignificações na urbe e no cotidiano dos cidadãos.

Portanto, além da construção desse trabalho, acreditamos na possibilidade de contribuir com essas perspectivas, para ideias em trabalhos futuros. Ou seja, proporcionar caminhos para outras pesquisas que possam exteriorizar cada possibilidade de se pensar uma cidade a partir da *Semana Santa*.

FONTES E REFERÊNCIAS

1.Fontes

Entrevistas

GONÇALVES, Francisco Geneval. **Entrevista concedida a Fernanda da Costa de Sousa Santos**. Santa Cruz-PI, 23 maio. 2019.

MENDES, Ferdiran Fontes. **Entrevista concedida a Fernanda da Costa de Sousa Santos**. Santa Cruz-PI, 03 out. 2018.

PACHECO, Samara Maria de Araújo. **Entrevista concedida a Fernanda da Costa de Sousa Santos**. Santa Cruz-PI, 20 maio. 2019.

SANTOS, Manoel de Sousa. **Entrevista concedida a Fernanda da Costa de Sousa Santos**. Santa Cruz-PI, 07 out. 2018.

SANTOS, Maria Josefa de Moura. **Entrevista concedida a Fernanda da Costa de Sousa Santos**. Santa Cruz-PI, 18 out. 2018.

SILVA, Ayla Maria Alves da. **Entrevista concedida a Fernanda da Costa de Sousa Santos**. Santa Cruz-PI, 24 maio. 2019.

SILVA, Tonny Cesár Barbosa da. **Entrevista concedida a Fernanda da Costa de Sousa Santos**. Santa Cruz-PI, 09 out. 2018.

VIEIRA, Francisca Moura. **Entrevista concedida a Fernanda da Costa de Sousa Santos**. Santa Cruz-PI, 25 out. 2018.

Imagéticas, Sites e Documentos

FÉRIAS, Tur. Disponível em: <https://www.ferias.tur.br/fotos/5680/santa-cruz-do-piaui-pi.html>. Acesso em: 14 maio. 2019

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/santa-cruz-do-piaui>. Acesso em: 21 out. 2018.

SANTA CRUZ DO PIAUÍ. **Projeto de Lei nº 005/97**. Código de Posturas Municipal da cidade de Santa Cruz do Piauí-Pi. 1997.

SOUSA, Ana Joana de. Bares no mercado público na cidade de Santa Cruz do Piauí (2011). In: SOUSA, Ana Joana de. **De Estreito a Santa Cruz do Piauí**. Santa Cruz do Piauí: 2014. p.29.

SOUSA, Ana Joana de. Quadro da feira em Santa Cruz do Piauí. (2011). In: SOUSA, Ana Joana de. **De Estreito a Santa Cruz do Piauí**. Santa Cruz do Piauí: 2014. p.29.

SOUSA, Ana Joana de. Ampliações da Igreja de Senhora Sant'Ana (1943-2000). In: SOUSA, Ana Joana de. **70 anos de Senhora Sant'Ana na Terra de Santa Cruz do Piauí 1944-2014**. Santa Cruz do Piauí, 2014. p.15.

2. Referências

AUGÉ, Marc. Dos Lugares aos não – lugares. In: **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. p. 71-105.

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. **O VERDE NA METRÓPOLE: A EVOLUÇÃO DAS PRAÇAS E JARDINS EM CURITIBA (1885-1916)**. Curitiba, 1998. 230 p.

BARROS, Dionésia. **Poemas & Poesias Concretas, um sonho em forma de versos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2011. 65 p.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 519 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH. 2007. 85p.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália**. São Paulo: Annablume, 2005.

CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. **ENTRE TRILHOS E DORMENTES: a Estrada de Ferro Central do Piauí na história e na memória dos parnaibanos (1960-1980)**. Teresina, 2015. 169 p

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 169-191.

CERTEAU, Michel de. O bairro./ Os fantasmas da cidade./ Espaços privados. In: **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 37-45; 189-207.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo; Ática, 2000, p.7-35.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: Possibilidades e Procedimentos**. São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 145 p.

GOMES, Mariana Elias. **Comemorações da semana santa em Mariana (MG): uma análise do discurso de moradores e turistas**. Bahia. 2008. p.211.

JÚNIOR, Paulo Roberto Souto Maior. **Um passeio primaveril com Certeau: nas pegadas do cotidiano e da cultura**. Curitiba: Cadernos de Clio, 2012

LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEONEL, Guilherme Guimarães. **Festa e sociabilidade**: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. Cadernos de História. Belo Horizonte. 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Viver, ouvir e aprender: o outro nas entrevistas com a História Oral**. Revista Tempos históricos (ISSN 1983-1463). Universidade Estadual do Oeste do Paraná v. 17, 2014.

O SAGRADO e o profano: do rito religioso ao espetáculo midiático. In: São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.pluricom.com.br/forum/o-sagrado-e-o-profano-do-rito-religioso-ao/?searchterm>> Acesso em: 19 de novembro de 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. vol.27, no. 53 de Junho de 2007. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882007000100002> Acesso em: 16 de setembro de 2018.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras de história e literatura**. Pelotas, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. In:

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. (Org.). **Narrativas, imagens e práticas sociais: Percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008. Cap. 2, p. 99-122.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos. Rio de Janeiro. V. 5, n.10, 1992, p. 200-212

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos. Rio de Janeiro. v. 2. n. 03, 1989, p. 3-15.

REVIÈRE, C. **Os ritos profanos**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.p.11-29

SOUSA, Ana Joana de. **70 anos de Senhora Sant'Ana na Terra de Santa Cruz do Piauí 1944-2014**. Santa Cruz do Piauí, 2014.

SOUSA, Ana Joana de. **De Estreito a Santa Cruz do Piauí**. Santa Cruz do Piauí, 2014.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **Praticando espaços, entre acordes, letras e máscaras**: História, memória e sociabilidade em espaços culturais de Teresina na década de 1980 e 1990. Recife-PE, UFPE, 2016. (Tese de doutoramento – Universidade Federal de Pernambuco – 2016).

VASCONCELOS, José Geraldo; SILVA, Samara Mendes Araújo; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. Labirintos de Clio: práticas de pesquisa em história. Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2009. 171 p.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
 Dissertação
 Monografia
 Artigo

Eu, Fernanda da Costa de Souza Santos,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
NAS TRAMAS DA CIDADE: Representações e sociabilidades em
Santa Cruz do Piauí no período da Semana Santa (2008-2018)
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 13 de setembro de 2019.

Fernanda da Costa de Souza Santos
Assinatura

Assinatura